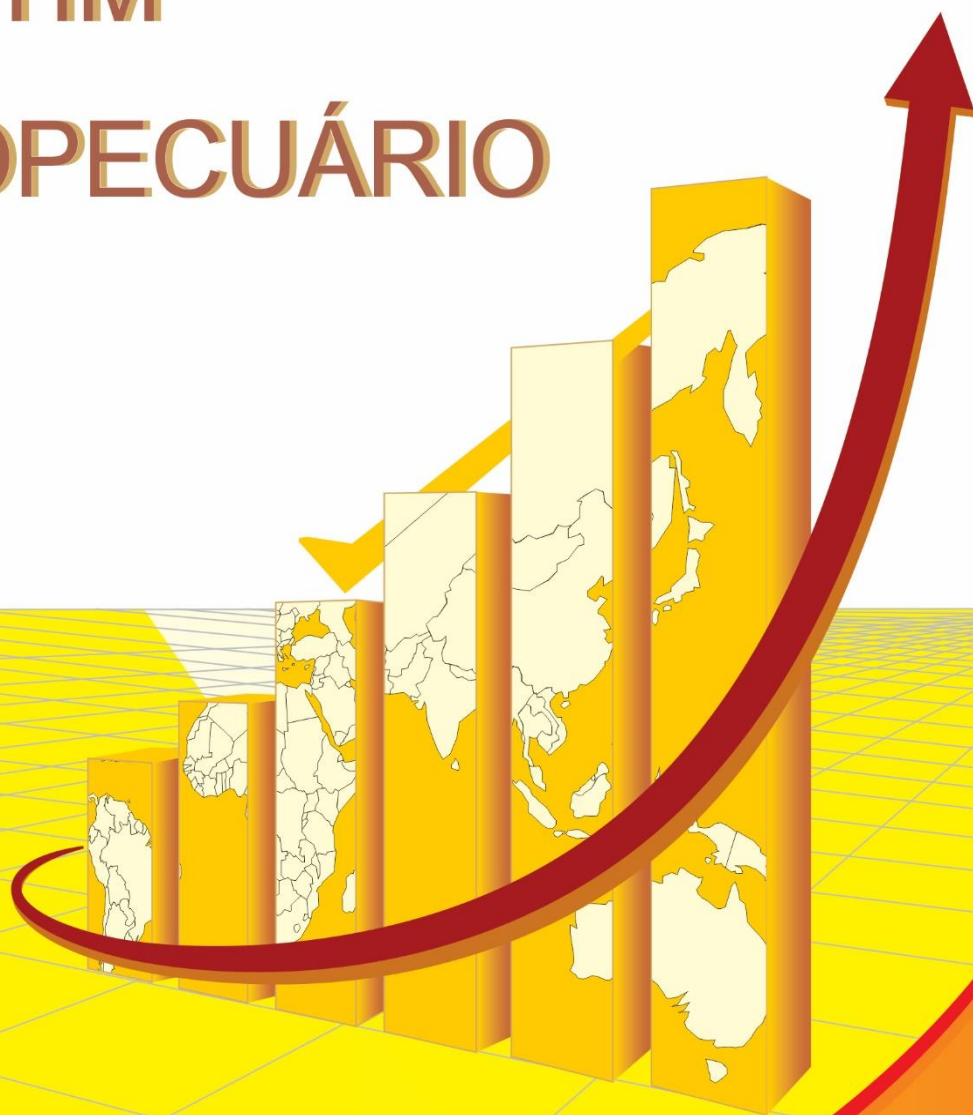


BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado

Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural

Ricardo de Gouvêa

Presidente da Epagri

Edilene Steinwandter

Diretores

Célio Haverroth

Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira

Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto

Extensão Rural e Pesqueira

Vagner Miranda Portes

Ciência, Tecnologia e Inovação



ISSN: 0100-8986 (impresso)
ISSN: 2674-9521 (*on-line*)

DOCUMENTOS Nº 331

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Felipe Jochims
Glaucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2020

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Revisão técnica: Léo Teobaldo Kroth/Dilvan Luiz Ferrari – Epagri/Cepa

Colaboração:

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)

Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Orlando Fuchs – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Maurício E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Edição: dezembro de 2020 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. **Boletim Agropecuário.** Dezembro/2020.
Florianópolis, 2020, 51p. (Epagri. Documentos, 331).

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019
passou a integrar a série Documentos com numeração própria.

Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (*on-line*)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

Fruticultura	7
Banana	7
Grãos	10
Arroz	10
Feijão	13
Milho.....	15
Milho – Silagem	20
Soja	22
Trigo.....	27
Hortaliças	29
Alho.....	29
Cebola	32
Pecuária	35
Avicultura.....	35
Bovinocultura	40
Suinocultura.....	44
Leite	49

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

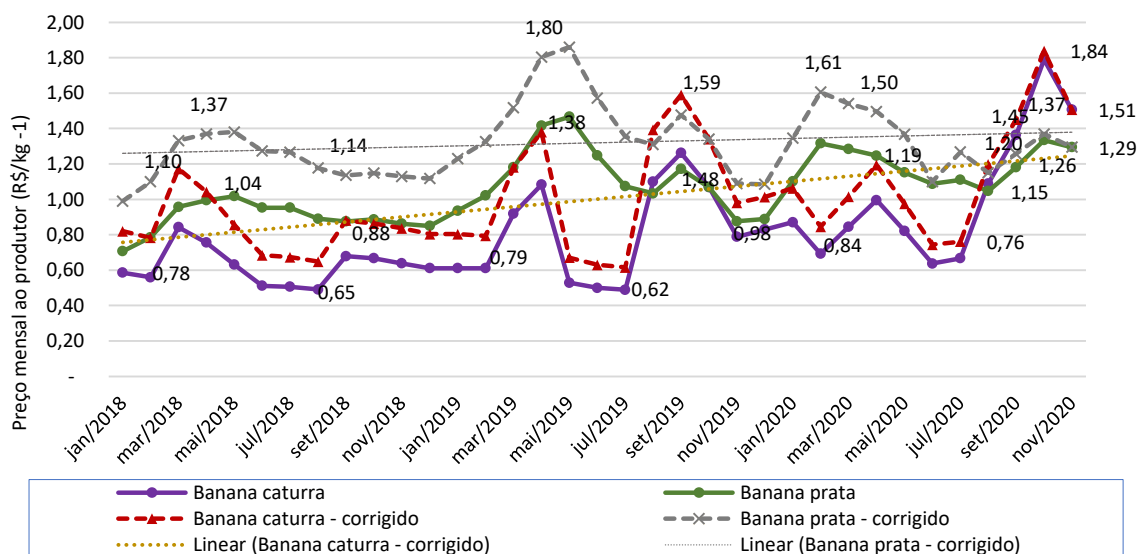


Figura 1. Banana – Santa Catarina: evolução do preço mensal ao produtor

Nota: preço nominal e corrigido (IGP-DI/FGV – nov./20=100).

Fonte: Epagri/Cepa, dezembro.

Entre outubro e novembro de 2020, houve desvalorização de 18% nas cotações da banana-caturra, após alta no mês de outubro. O preço mensal de novembro de 2020 está valorizado 53,7% em relação ao mesmo mês do ano anterior e 80,2% ao de 2018. A cotação média entre outubro e novembro de 2020 está 44,1% maior que a de 2019 para o bimestre analisado, e 96,8% em relação a 2018. Com a baixa oferta, ainda reflexo das intempéries ocorridas no início do ano, a partir de agosto houve grande aumento nos preços, que começam a desvalorizar com uma maior demanda para a banana-prata que ganhou qualidade e está sendo comercializada a um preço menor que a banana-caturra. A banana-prata, com a produção menos afetada no primeiro semestre, após aumento de 8,9% nas cotações entre setembro e outubro, com ganho da qualidade da fruta no mercado, teve seu preço reduzido em 5,5% no mês de novembro em relação ao mês anterior. Mas, essa variedade está ainda com as cotações valorizadas 18,9% em relação a novembro de 2019, e 14,7% em relação a 2018. A expectativa é a desvalorização nas cotações da banana-prata devido à concorrência com outras frutas da época e redução nos preços da banana-caturra, pela presença de problemas de qualidade da fruta.

Tabela 1. Banana: Santa Catarina – Preço médio ao produtor (R\$/kg⁻¹) nas principais praças – agosto a nov./2020

Praça	Mês				Var. (%) Nov.20/Out.20
	Ago./2020	Set./2020	Out./2020	Nov./2020	
Jaraguá do Sul					
Caturra	0,90	1,19	1,57	1,10	-30,3
Prata	0,72	0,87	1,25	1,00	-19,6
Sul Catarinense					
Caturra	0,85	0,99	2,01	1,31	-34,6
Prata	0,95	1,02	1,42	1,07	-24,8

 Nota: Valores em R\$/cx. 20 a 22 kg transformados em R\$/kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban, dezembro/2020.

No Norte Catarinense, a produção se mantém abaixo da média histórica, devido às áreas afetadas pelos eventos do primeiro semestre. A valorização da banana-caturra ocorrida em outubro não se sustenta, pois apresenta problemas no desenvolvimento dos cachos devido a estiagem e a ocorrência de granizo, em algumas áreas produtoras, afetando a qualidade das frutas. No Sul Catarinense, mesmo com queda nas cotações entre outubro e novembro, os preços mantêm tendência crescente em relação a agosto e setembro. A estratégia é o aumento na participação da banana-prata, que apresenta melhor qualidade e preços em relação à banana-caturra. Nas áreas com clima favorável e tratamentos culturais realizados pelos produtores, gradativamente as lavouras seguem o processo de recuperação. A expectativa é de manutenção da demanda relativa nos próximos meses, uma vez que a oferta menor que a média está prevista somente para o próximo semestre, e com redução gradual nas cotações, aos níveis dos anos anteriores, para o segundo trimestre de 2021.

Tabela 2. Banana – Santa Catarina: preço médio no atacado (R\$/kg⁻¹) nas principais praças – agosto a nov./2020

Praça	Mês				Var. (%) Nov.20/Out.20
	Ago./2020	Set./2020	Out./2020	Nov./2020	
Florianópolis (Ceasa)					
Caturra	1,52	1,90	2,76	2,10	-24,1
Prata	1,52	1,52	2,10	1,67	-20,5
Jaraguá do Sul					
Caturra	1,47	1,80	2,61	1,85	-29,3
Prata	1,44	1,55	2,17	1,83	-15,9
Sul Catarinense					
Caturra	1,36	1,56	2,75	1,89	-31,5
Prata	1,52	1,59	2,13	1,64	-24,8

 Nota: Valores em R\$ por cx. 18 a 20 kg transformados em R\$/kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban, dezembro/2020.

As cotações no mercado atacadista, nas praças catarinenses, apresentaram comportamento similar para ambas as variedades acompanhadas. Com a baixa oferta da fruta catarinense no mercado regional, as frutas de outras regiões produtoras do país estão suprimindo a demanda, com grande volume a partir de novembro. Na concorrência com a qualidade, as frutas catarinenses apresentaram desvalorização nos preços entre outubro e novembro. Na Ceasa, a banana-caturra ainda se mantém com as cotações valorizadas em relação a agosto e setembro, mas a expectativa é a redução com a chegada das festas de final de ano, quando a demanda se divide com outras frutas da época (uva, ameixa, pêssego e etc.)

Tabela 3. Banana – Brasil: preço médio ao produtor (R\$/kg⁻¹)⁽¹⁾ nas principais praças – outubro a dez./2020

Praça	Mês			Variação (%) Nov.20/Oct.2020
	Out./2020	Nov./2020	Dez./2020 ⁽²⁾	
Bom Jesus da Lapa (BA)				
Nanica	1,78	1,99	2,51	11,8
Prata	1,19	1,91	2,69	60,5
Norte de Minas Gerais (MG)				
Nanica	1,80	2,05	2,63	13,9
Prata	1,20	1,89	2,73	57,5
Vale do Ribeira (SP)				
Nanica	1,91	1,95	2,50	2,1
Prata	1,38	1,72	2,33	24,6
Vale do São Francisco (BA e PE)				
Nanica	-	-	-	-
Prata	1,05	1,15	1,64	9,5

⁽¹⁾ Preço médio mensal em R\$/kg⁻¹.

⁽²⁾ Preço médio até 11 de dez./20.

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de CEPEA/Esalq/USP.

A oferta restrita no mercado nacional deve manter a valorização das cotações da banana nas regiões produtoras, mesmo durante as festas de final de ano. No Nordeste, os preços a banana-prata seguem valorizados, com aumento na procura da variedade em relação à banana-nanica, que esta com preços acima da média. No Sudeste, os grandes mercados do país, as cotações acima das outras regiões produtoras estão levando à redução na sua demanda, mas, a qualidade das frutas e a baixa oferta nacional devem garantir cotações mais valorizadas em relação aos anos anteriores.

Tabela 4. Banana – Santa Catarina: comparativo da estimativa de 2019/20 e 2020/21

Microrregiões	Estimativa 2019/20			Estimativa 2020/21			Variação (%) 2019-20		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha ⁻¹)	Área colhida	Produção	Rend. médio
Blumenau	4.311	139.525	32.368	4.409	96.326	21.848	2,3	-31,0	-32,5
Itajaí	3.574	120.048	33.585	3.646	88.548	24.287	2,0	-26,2	-27,7
Joinville	12.972	385.327	29.703	12.931	223.284	17.267	-0,3	-42,1	-41,9
São Bento do Sul	347	7.052	20.345	357	7.193	20.147	3,0	2,0	-1,0
Araranguá	5.220	61.268	11.737	5.321	48.034	9.027	1,9	-21,6	-23,1
Criciúma	1.285	19.506	15.176	1.285	17.130	13.331	0,0	-12,2	-12,2
Tubarão	100	1.189	11.851	100	863	8.630	-0,3	-27,4	-27,2
Total	27.810	733.915	26.391	28.049	481.378	17.162	0,9	-34,4	-35,0

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2020.

Grãos

Arroz

Glaucia Padrão
Economista, Dr^a. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Preços ao produtor

Em novembro de 2020, os preços começaram a mostrar tendência de estabilidade. Em relação à outubro, os preços de novembro foram 0,08% menores em Santa Catarina. No Rio Grande do Sul, essa variação foi de -1,33%, com os preços em queda moderada desde o mês de setembro. O volume colhido da safra 2019/20 já foi praticamente todo negociado, restando menos de 3% da produção em estoque. Comparando o comportamento esperado para os preços e o observado neste ano de 2020 em Santa Catarina, observa-se que este é um período em que os preços começam a mostrar sinais de estabilidade, devendo se manter assim até a entrada da colheita da próxima safra, cujo plantio está em fase final. No entanto, neste ano o comportamento do mercado está atípico. Mesmo com tendência de estabilidade e até queda, os preços catarinenses em novembro estão 67,5% maiores, em termos reais, em relação ao mesmo período do ano passado.

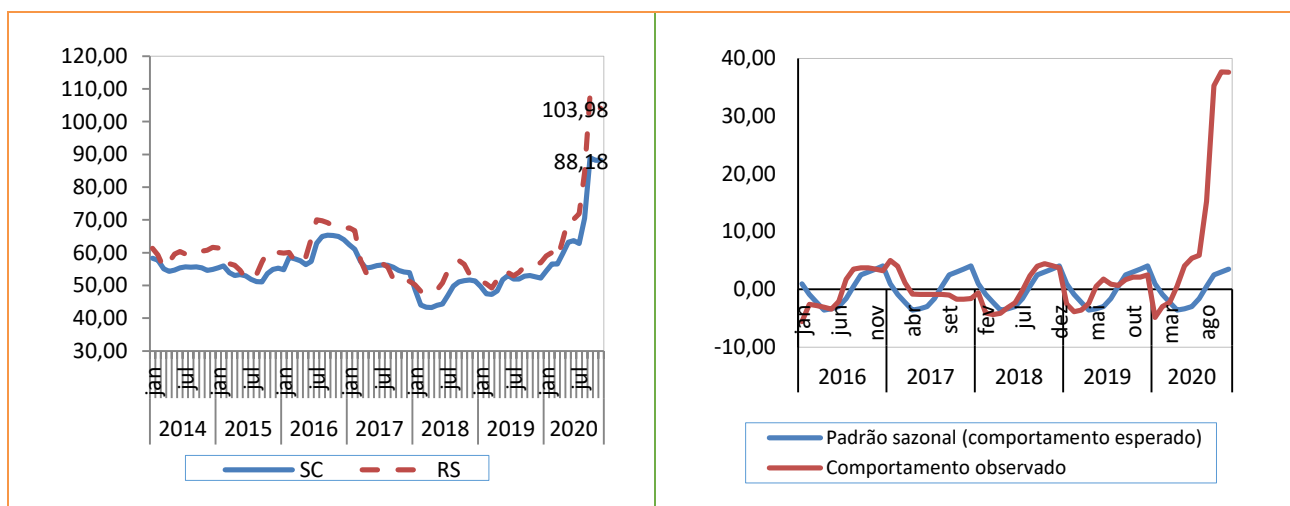


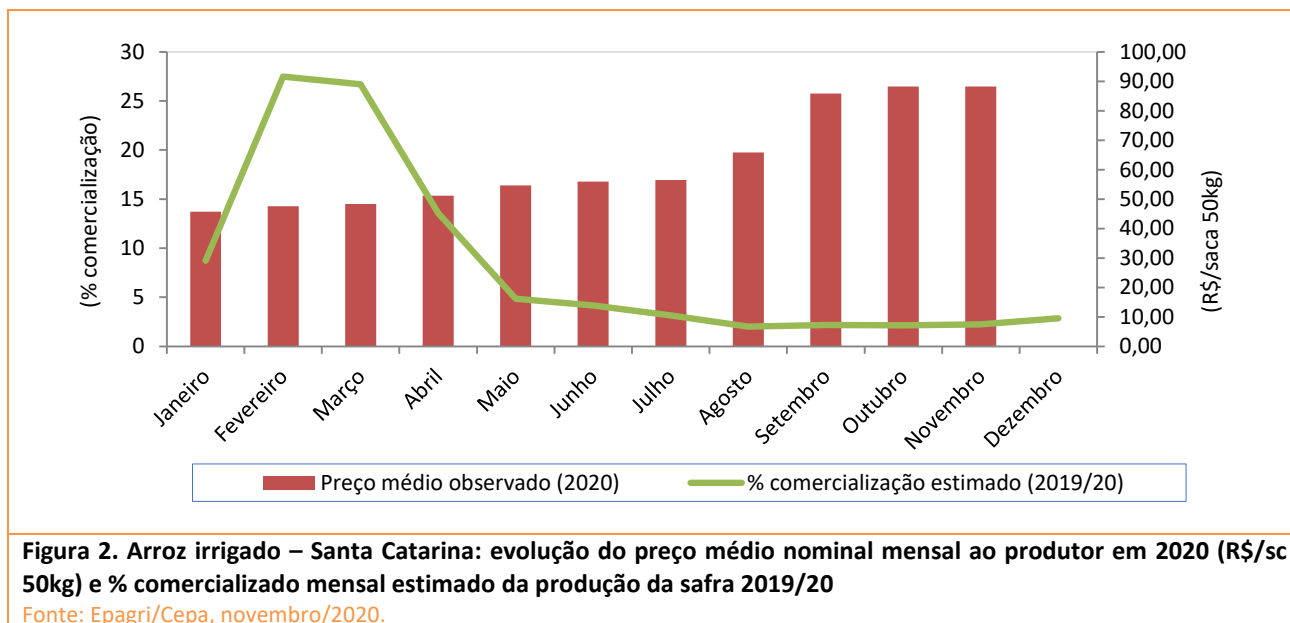
Figura 1. Arroz irrigado – Santa Catarina e Rio Grande do Sul: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (R\$/sc 50kg (jan./2014 a nov./2020) e comparativo do comportamento esperado e observado dos preços catarinenses – (%)

Nota: ¹ Estimativa de preços médios da primeira quinzena de setembro de 2020.

Preços corrigidos pelo IGP-Di (Base outubro/2020).

Fonte: Epagri/Cepa (SC) e Cepea (RS), novembro/2020.

Embora os preços tenham se mantido elevados ao longo de toda a safra, a comercialização do grão no estado de concentrou entre janeiro e julho, quando ocorre a colheita. A Figura 2 mostra a evolução do percentual estimado de comercialização do arroz em casca por mês no estado e os preços médios praticados de janeiro a novembro de 2020. Observa-se que de janeiro a julho aproximadamente 87% da produção já havia sido comercializada, ao preço médio de R\$51,42/sc de 50kg. Isto ocorre pela necessidade dos produtores em “fazer caixa” para quitar dívidas de financiamento e cobrir seus custos de produção. Os 13% restante alcançaram preços maiores, mas poucos produtores comercializaram acima de R\$60,00 por saca. Com preços elevados, alguns produtores tiveram a oportunidade de capitalizar e poderem investir na safra 2020/21, como numa adubação correta, o que pode resultar em aumento da produtividade.



Relação de troca

A Figura 3 mostra a relação de troca entre o preço do arroz em casca e alguns dos insumos de maior peso no custo de produção, desde a safra 2014/15. No período analisado, a relação de troca entre o grão e os principais insumos utilizados na produção se mostrou favorável ao produtor em alguns momentos. Isto porque, nesses momentos, o preço do arroz estava elevado devido à escassez de oferta, ocasionada por problemas climáticos. Na safra 2020, os preços ao produtor foram elevados, mas como os principais adubos e agrotóxicos são importados, a elevação do dólar levou ao aumento dos preços de tais insumos. Apesar disso, a valorização dos preços ao produtor foi superior ao incremento de preço observado nos insumos, resultando em relação de troca favorável ao produtor nos insumos analisados. Considerando o adubo de cobertura, ureia, que representa cerca de 4% dos custos variáveis, na safra 2019/20 eram necessárias cerca de 1,8 sacas de arroz para adquirir uma saca de 50 kg de ureia. Na safra 2020/21, houve uma redução de 24% nessa relação, sendo necessárias 1,38 sacas de arroz para adquirir uma saca de ureia. Para o diesel, que representa cerca de 5% do custo variável de produção, essa relação também se mostrou decrescente e favorável ao produtor, sendo necessário cerca de 0,05 saca de arroz para adquirir um litro de diesel. Isso representa uma redução de 34% em relação à safra 2019/20. Para produzir um hectare de arroz, são necessários, aproximadamente, 90 litros de diesel para todas as operações com trator e TAI (trator para aplicação de insumos), de forma que quanto mais favorável essa relação de troca maior tende a ser a margem líquida do produtor. Já para a mão de obra, são necessárias 6,8 diárias para produzir um hectare de arroz, o que representa 12,7% do custo variável, excluídos os salários mais os encargos dos operadores de trator. A relação de troca com este insumo tem sido desfavorável ao produtor nas últimas safras, o que não ocorreu na safra 2020/21. Na safra 2019/20, foram necessárias 2,64 sacas de arroz para custear uma diária de trabalhador rural. Na safra 2020/21, houve uma redução dessa relação em 34%, sendo necessárias 1,74 sacas de arroz para adquirir a mesma quantidade de mão de obra. Embora o mercado esteja favorável ao produtor e a comercialização da safra 2019/20 tenha permitido a capitalização, a elevação dos custos de produção da safra atual deve ser analisada com cuidado, pois a comercialização no próximo ano ainda apresenta muitas incertezas quanto aos preços a serem pagos pelo grão.

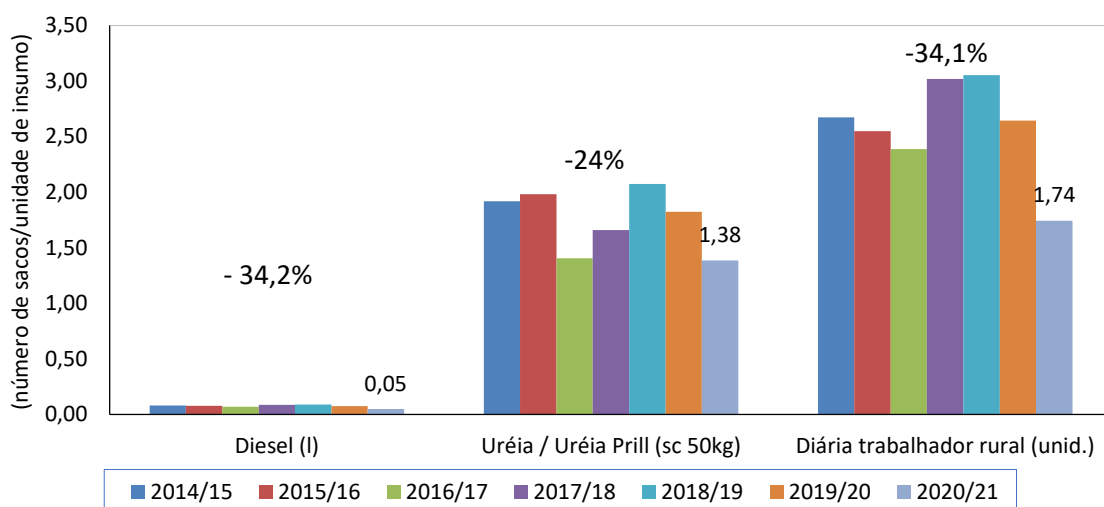


Figura 3. Arroz irrigado: relação de troca entre o arroz em casca e os principais insumos para sua produção (preço saca de arroz/preço unidade do insumo)

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2020.

Comparativo de safra

O plantio da safra de arroz 2020/21 está encerrado, com algumas áreas, plantadas mais cedo, em floração, especialmente no litoral norte do estado. De maneira geral, as lavouras estão com desenvolvimento dentro da normalidade, com a condição de lavoura apontando para 95% da área em situação boa ou ótima. Nas últimas semanas, foi registrado aumento da temperatura média, fator importante para esta fase de florescimento das lavouras. A estimativa atual da safra aponta para uma estabilidade na área plantada, em torno de 149 mil hectares. Em relação à produção e produtividade, é esperada uma redução de 5,67% em comparação à safra anterior. Isso decorre do fato de que na safra passada, 2019/20, a produtividade média obtida foi superior às observadas nos anos anteriores, especialmente no sul do estado, graças à uma conjunção de fatores, como a distribuição das chuvas, luminosidade adequada, uso de cultivares de alto potencial produtivo e incremento tecnológico. Assim, para esta safra a produtividade deve retornar a um patamar tido como normal para o estado.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo das safras 2019/20 e 2020/21

Microrregião	Safra 2019/20			Estimativa Inicial – Safra 2020/21			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	58.848	504.920	8.580	58.848	454.033	7.715	0,00	-10,08	-10,08
Blumenau	7.101	63.364	8.923	7.115	62.977	8.851	0,20	-0,61	-0,81
Criciúma	21.828	191.178	8.758	21.828	168.701	7.729	0,00	-11,76	-11,76
Florianópolis	1.902	11.783	6.195	1.895	12.293	6.487	-0,37	4,32	4,71
Itajaí	9.478	74.451	7.855	9.446	76.607	8.110	-0,34	2,90	3,24
Ituporanga	171	1.503	8.790	171	1.539	9.000	0,00	2,39	2,39
Joinville	18.226	150.295	8.246	18.226	150.067	8.234	0,00	-0,15	-0,15
Rio do Sul	10.668	89.466	8.386	10.695	93.757	8.766	0,25	4,80	4,53
Tabuleiro	132	739	5.598	132	924	7.000	0,00	25,04	25,04
Tijucas	2.164	16.201	7.486	2.164	16.089	7.435	0,00	-0,69	-0,69
Tubarão	18.940	150.239	7.932	18.939	145.994	7.709	-0,01	-2,83	-2,82
Santa Catarina	149.458	1.254.139	8.391	149.459	1.182.980	7.915	0,00	-5,67	-5,67

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2020.

Feijão

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Os preços do feijão continuam em alta no mercado catarinense. O mês de novembro registrou aumento de 2,93% no preço pago pela saca de 60kg do feijão-carioca. Em termos nominais, esse valor é cerca de 47% superior ao que foi pago no mesmo período do ano passado. Paraná e Mato Grosso do Sul também registram alta, de 2,65% e 7,30%, respectivamente. Para o feijão-preto, a variação mensal de 3,53%. Os preços praticados no mercado catarinense para o feijão-preto estão 94,5% maiores do que aqueles praticados no mesmo período do ano anterior.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Nov./2020	Out./2020	Variação mensal (%)	Nov./2019	Variação anual (%)
Santa Catarina	Feijão-carioca	209,47	203,50	2,93	142,78	46,71
Paraná		271,86	264,85	2,65	235,80	15,29
Mato Grosso do Sul		275,08	256,36	7,30	225,89	21,78
Bahia		231,34	243,46	-4,98	199,31	16,07
São Paulo		263,75	276,93	-4,76	246,17	7,14
Goiás		243,95	246,77	-1,14	228,20	6,90
Santa Catarina	Feijão-preto	242,97	234,68	3,53	124,92	94,50
Paraná		252,41	249,25	1,27	126,68	99,25
Rio Grande do Sul		234,79	259,77	-9,62	136,05	72,58

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, BA, SP, GO e RS), dezembro/2020.

Safra

Em todo país, as lavouras de feijão se desenvolvem bem, apesar da ocorrência de condições climáticas desfavoráveis, como estiagem prolongada e temperaturas elevadas, registradas sobretudo nas Regiões Sul e Sudeste. Para safra 2020/21, estimativas da Conab apontam para uma redução de 3,2% na produção nacional, devendo ser colhidos aproximadamente 3,12 milhões de toneladas, contra 3,22 milhões de toneladas da safra passada. Essa menor produção é resultado de uma redução de 3,4% na produtividade média, que nessa safra deverá ficar em torno de 1.065kg/ha, contra 1.104kg/ha obtidos na safra anterior. Quanto à área plantada, essa permaneceu estável, com cerca de 2,92 milhões de hectares cultivados.

Em Santa Catarina, o feijão-carioca é cultivado principalmente nas microrregiões geográficas de maior altitude, em particular as MRG's Campos de Lages e Curitibaanos. Nestas regiões, o clima ameno, com possibilidade de ocorrência de geadas tardias, impede a antecipação da semeadura, resultando num plantio tardio em relação às demais regiões do estado. Na primeira safra, é previsto o cultivo de aproximadamente 16,4 mil hectares de feijão-carioca. No campo, as operações de semeadura seguem em ritmo acelerado.

Com a volta das chuvas, espera-se que essas lavouras possam se desenvolver satisfatoriamente e alcançar melhores produtividades do que àquelas que se encontram em fase de desenvolvimento vegetativo e floração, portanto mais adiantadas, e, que por isso, sofreram mais com a estiagem. Já o feijão-preto, deverá responder por cerca de 19,3 mil hectares nesta primeira safra catarinense de feijão. Para as lavouras implantadas mais cedo, a estiagem prejudicou o desenvolvimento normal das lavouras. Em muitos casos, houve desistência do plantio da cultura por parte dos produtores, dando lugar ao plantio de milho ou soja.

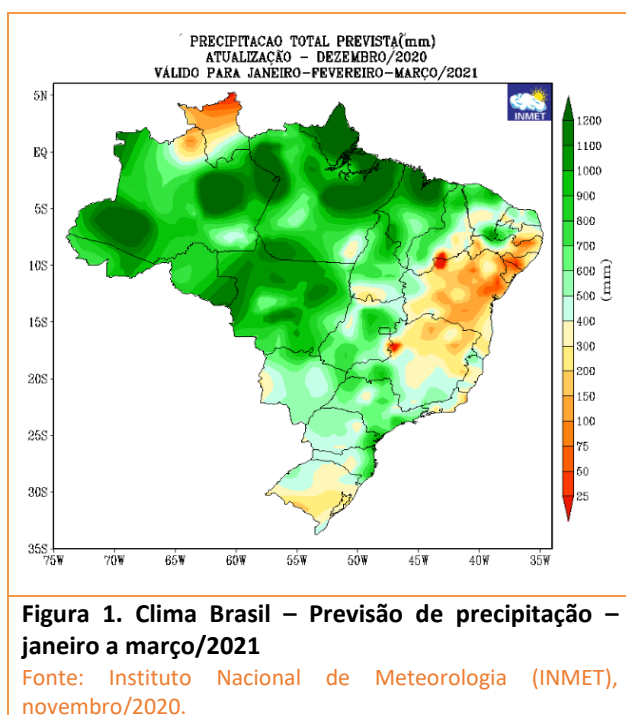
Considerando os dois tipos de feijão, até a última semana de novembro 80,43% da área destinada ao seu cultivo já havia sido plantada. Desta área, aproximadamente 23,27% alcançou a fase de floração. Para a safra 2020/21, é estimado o plantio de 35,7 mil hectares, com uma produção esperada de aproximadamente 66,7 mil toneladas. O rendimento médio deverá ficar em torno de 1.868kg/ha.

Tabela 2. Feijão 1ª – Comparativo de safra 2019/20 e estimativa atual – safra 2020/21

Microrregião	Safra 2019/20			Estimativa Safra 2020/21			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área	Prod.	Rend.
Araranguá	54	50	926	53	52	985	-1,9	4,4	6,4
Campos de Lages	7.530	8.375	1.112	7.100	13.844	1.950	-5,7	65,3	75,3
Canoinhas	6.200	14.420	2.326	7.250	14.480	1.997	16,9	0,4	-14,1
Chapecó	2.208	4.585	2.077	2.178	2.504	1.150	-1,4	-45,4	-44,6
Concórdia	411	642	1.562	377	351	931	-8,3	-45,3	-40,4
Criciúma	675	778	1.153	682	810	1.187	1,0	4,1	3,0
Curitibanos	4.780	8.505	1.779	4.810	11.358	2.361	0,6	33,5	32,7
Florianópolis	12	7	542	16	18	1.125	33,3	157,2	107,6
Ituporanga	1.010	1.628	1.612	960	1.576	1.641	-5,0	-3,2	1,8
Joaçaba	2.369	3.435	1.450	3.003	6.000	1.998	26,8	74,7	37,8
Rio do Sul	596	965	1.618	564	934	1.656	-5,4	-3,2	2,3
São Bento do Sul	600	1.200	2.000	600	1.040	1.733	0,0	-13,3	-13,3
São M. do Oeste	825	1.669	2.023	919	1.166	1.269	11,4	-30,1	-37,3
Tabuleiro	376	451	1.200	371	423	1.140	-1,3	-6,2	-5,0
Tijucas	166	172	1.033	180	232	1.289	8,4	34,9	24,8
Tubarão	773	963	1.246	767	975	1.272	-0,8	1,3	2,1
Xanxerê	7.384	15.047	2.038	5.893	10.950	1.858	-20,2	-27,2	-8,8
Santa Catarina	35.969	62.891	1.748	35.723	66.713	1.868	-0,7	6,1	6,8

Fonte: Epagri/Cepa (SC), dezembro/2020.

Previsão Climática



Para a Região Sul, previsões do INMET indicam que as chuvas entre janeiro e março/2020 serão abaixo da média nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. No Paraná, as chuvas previstas devem ser acima da média (Figura 1).

Para dezembro/2020, há previsão de déficits hídricos no oeste da Região Sul. Nas demais áreas, são previstos baixos valores de excedentes hídricos, principalmente no nordeste do Paraná e leste de Santa Catarina.

Já nos meses de janeiro e fevereiro/2021, existe uma tendência de expansão das áreas de excedente hídrico nos estados de Santa Catarina e Paraná, enquanto no Rio Grande do Sul a concentração de déficit hídrico deverá ocorrer na parte centro-sul do Estado.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelas@epagri.sc.gov.br

Preços

Em novembro, o preço médio mensal pago ao produtor em Santa Catarina foi de R\$74,14/sc de 60kg, 19% superior ao de outubro e 62,7% acima do praticado em novembro de 2019 (Figura 1). Nos demais estados, os valores seguiram a mesma trajetória de alta. O mercado do milho pode estar se consolidando em um novo patamar de preços, com maior impacto do mercado internacional. Após cinco meses de alta, no fim de novembro a cotações estabilizaram. Dados parciais até o dia 10 de dezembro mostram recuo nos preços (Figura 2A).

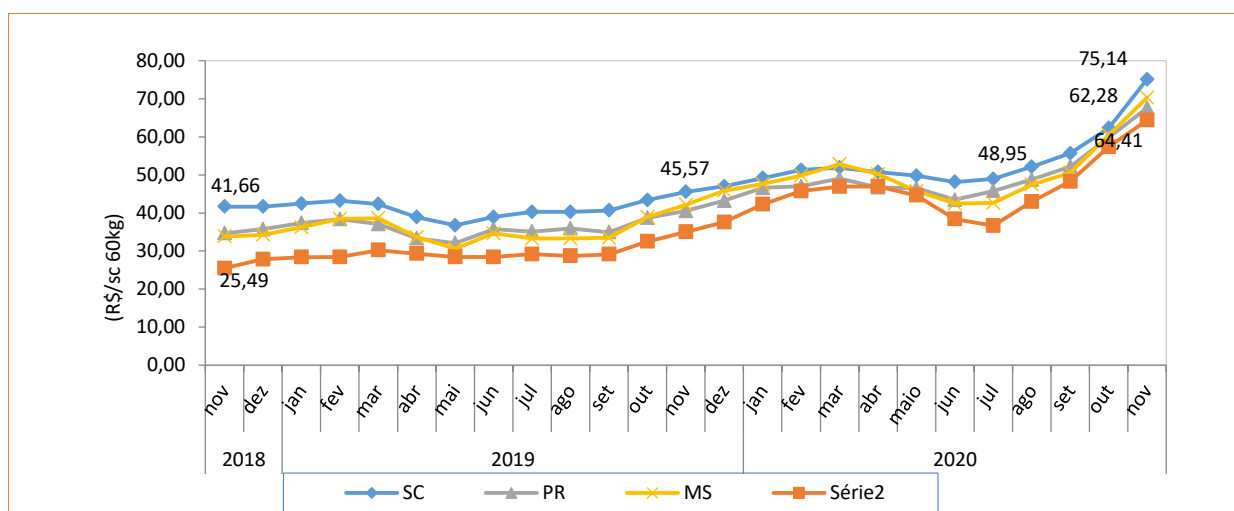


Figura 1. Milho – SC, PR, MT e MS: preço médio mensal pago ao produtor (R\$/sc de 60Kg) – nov./2018 a nov./2020 (atualizado IGP-DI)

Fonte: Epagri/Cepa, Deral-PR, Agrolink, novembro/2020.

Os preços diários pagos ao produtor em Santa Catarina sofreram uma forte elevação no segundo semestre, registrando uma alta superior a 40% do início de julho até meados de novembro, quando atingiu o máximo de R\$74,00/sc. Após o dia 25 de novembro, ocorreu um recuo das cotações, tendo como fator preponderante a desvalorização do dólar. Os preços na B3 (ESALQ/BM&FBOVESPA)¹, seguem no mesmo ritmo, com elevação consistente do início de julho (R\$44,00) até novembro, quando registrou R\$82,00/sc. No dia 10 de dezembro recuou para valor inferior a R\$70,00/sc (Figura 2B). O fator principal do recuo dos preços no mercado interno está no câmbio, com a queda das cotações do dólar. O comportamento climático na América Latina também está no foco do mercado, com forte influência no momento, o que deverá manter os preços fortalecidos.

¹ <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/indicador/milho.aspx>.

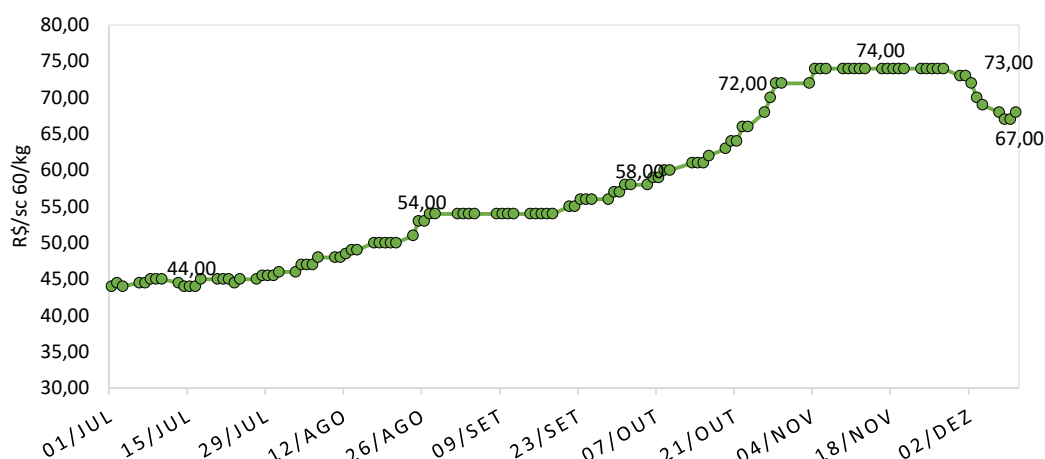


Figura 2A. Milho – Preços diários pagos ao produtor: julho a 09 de dezembro de 2020 – (Praça de referência: Chapecó)

Fonte: Epagri/Cepa.

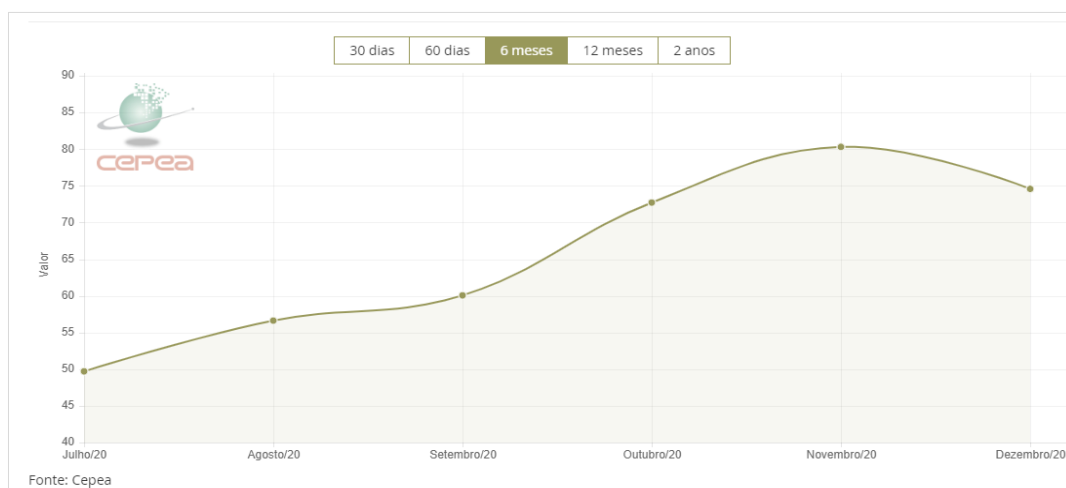


Figura 2B. Milho – Preços na B3 ESALQ/BM&FBOVESPA: julho a dezembro (R\$/sc de 60kg)

Fonte: Esalq/CEPEA, dezembro/2020.

Mercado

Fatores que influenciam o mercado em novembro e dezembro:

- redução do dólar frente ao real em dezembro pressionam os preços internos no momento;
- reação positiva na demanda interna em relação ao início da pandemia, com as exportações de carnes impulsionando o mercado interno;
- retirada da taxa de importação até março de 2021 (Resolução GECEX nº 102, de 20 de outubro de 2020), em um primeiro momento levou os preços no atacado próximos aos preços de paridade nos portos. Porém, no médio prazo, poderá viabilizar as importações;
- as anomalias climáticas, com poucas chuvas em setembro e outubro refletem na redução das estimativas iniciais de rendimento e produção final para a primeira safra do Sul do Brasil;
- o cenário mundial é de redução nos estoques de milho, devido à maior demanda. No Brasil, o suprimento deverá estar ajustado à demanda no final do ano e primeiro semestre de 2021;

- no mercado internacional, as cotações na Bolsa de Chicago se mantêm acima dos US\$4,20/buschel, mantendo os preços fortalecidos;
- os preços só devem apresentar maior retração caso o dólar perder força em relação ao real, viabilizando, assim, as importações no início de 2021, num primeiro momento dos países do Mercosul e até dos Estados Unidos;

Acompanhamento da safra 2020/21 em Santa Catarina

A estimativa inicial para a 1ª safra 2020/21 aponta para uma área cultivada de 333,85 mil hectares. A estimativa atual (novembro) reduz em 1% a área cultivada, sendo a estiagem o fator desta redução. A estiagem prolongada em setembro e outubro já ocasionou perdas significativas. Em relação à produção total, o levantamento atual reduz a produção em 18,6%, que deverá chegar a 2,43 milhões de toneladas, com rendimento previsto de 7,01 toneladas por hectare.

Considerando as regiões mais afetadas, em função das distintas fases das lavouras as perdas são diferenciadas. Nas regiões de São Miguel do Oeste e Chapecó, as perdas até novembro alcançam 52% e 43,6%, respectivamente (Tabela 1). No total do estado, as perdas na produção estão previstas em 18,6%, representando mais de 500 mil toneladas, quando comparada ao prognóstico inicial. As variações levantadas até novembro nas demais regiões estão apresentadas na Figura 3.

Tabela 1. Milho – Santa Catarina: estimativa de área, produção e rendimento (inicial) e estimativa atual (novembro)

MRG	Safra 2020/21 - inicial			Safra 2020/21 - novembro			Variação %		
	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Quant. (t)	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Quant. (t)	Área	Produt.	Quant.
Araranguá	7.759	6.716	52.112	7.759	6.521	50.594	0,0	-2,9	-2,9
Blumenau	1.815	4.669	8.474	1.865	4.367	8.145	2,8	-6,5	-3,9
Campos de Lages	31.910	6.910	220.510	31.910	7.223	230.478	0,0	4,5	4,5
Canoinhas	31.900	10.065	321.060	32.100	9.306	298.710	0,6	-7,5	-7,0
Chapecó	43.920	8.989	394.797	44.220	5.074	224.379	0,7	-43,6	-43,2
Concórdia	22.650	7.561	171.266	20.260	5.963	120.801	-10,6	-21,1	-29,5
Criciúma	7.086	6.901	48.900	7.086	6.899	48.889	0,0	0,0	0,0
Curitibanos	26.065	10.424	271.710	26.565	8.536	226.747	1,9	-18,1	-16,5
Florianópolis	6	3.333	20	6	3333,5	20	0,0	0,0	0,0
Ituporanga	10.550	7.418	78.260	10.550	6.964	73.473	0,0	-6,1	-6,1
Joaçaba	65.790	8.922	586.972	66.915	7.570	506.521	1,7	-15,2	-13,7
Joinville	356	5.529	1.968	326	5.661	1.845	-8,4	2,4	-6,2
Rio do Sul	18.780	7.210	135.398	18.830	7.008	131.955	0,3	-2,8	-2,5
São Bento do Sul	3.700	9.365	34.650	3.700	8.503	31.460	0,0	-9,2	-9,2
São M. do Oeste	28.958	8.472	245.324	28.958	3.999	115.797	0,0	-52,8	-52,8
Tabuleiro	2.410	5.826	14.040	2.410	5.411	13.040	0,0	-7,1	-7,1
Tijucas	1.855	5.046	9.360	1.855	4.927	9.140	0,0	-2,4	-2,4
Tubarão	5.015	6.370	31.947	5.015	6.379	31.992	0,0	0,1	0,1
Xanxerê	26.680	10.406	277.622	23.520	9.266	217.942	-11,8	-10,9	-21,5
Total geral	337.205	8.613	2.904.390	333.850	7.015	2.341.928	-1,0	-18,6	-19,4

Fonte: Epagri/Cepa, Sistema de Acompanhamento de Safra, novembro/2020.

O desenvolvimento da safra de milho no estado está ocorrendo de maneira distinta entre as regiões. No Oeste e Planalto Sul, os produtores reiniciaram e intensificaram o plantio com as chuvas ocorridas em novembro, cujo calendário de plantio está atrasado em relação à safra anterior (Figura 3). Até dezembro, 97% da área prevista já se encontra semeada, restando algumas áreas na região Campos de Lages. O

padrão das lavouras está inferior ao verificado no mesmo período de 2019. Nas regiões mais altas, a implantação das lavouras aconteceu de maneira mais intensiva em novembro.



Situação das lavouras nas regiões².

- **Região Oeste:** Muitas lavouras estão sendo comercializadas para milho "silagem", porém com qualidade inferior, reduzindo a quantidade da área para produção de grãos, especialmente no vale do rio Uruguai. Nesse sentido, muitos produtores acionaram o seguro agrícola, com as lavouras sendo liberadas para o corte e aproveitamento da massa verde. As perdas em função da estiagem já estão consolidadas, sendo superiores a 50% em vários municípios das regiões de São Miguel do Oeste e Chapecó. Nas regiões com maior altitude, em função do calendário de plantio mais tarde, as perdas serão menores.
- **Região Planalto Norte:** As condições climáticas nas duas últimas semanas de novembro têm sido favoráveis e decisivas para as áreas de milho. 10% das áreas podem ser consideradas ruins, que foram atingidas pelo período de estiagem mais severa, comprometendo o desenvolvimento vegetativo das plantas.
- **Região Planalto Sul: Curitiba/Campos Novos/Campos de Lages:** com as chuvas mais significativas em novembro, os plantios avançaram, se encaminhando para o final, restando só pequenas áreas para serem plantadas. As lavouras melhoraram significativamente após as chuvas, porém isso é insuficiente para reverter as perdas. A expectativa agora é pela normalidade climática nas áreas implantadas mais tarde, que poderão produzir o inicialmente previsto e sustentar, de certa forma, a produção regional.
- **Regiões Sul e Litoral:** As lavouras, de modo geral, seguem com bom desenvolvimento. Final de novembro com ótima precipitação e sem eventos climáticos extremos.
- **Região Alto Vale do Itajaí:** As lavouras se recuperaram muito bem com as chuvas de novembro, encontrando-se em boas condições.
- **Região Meio Oeste** (Joaçaba, Videira e Caçador): As chuvas do fim de novembro foram boas para as lavouras, principalmente as implantadas mais tarde.

Situação nacional

A semeadura do milho da primeira safra 2020/21 está em andamento, mas afetada pelas inconstâncias do clima, que estão prejudicando o plantio e o desenvolvimento das lavouras, em todo o país. Em algumas áreas, o clima tem sido seco e com baixa umidade no solo, dificultando o cultivo, principalmente na Região Sul. Em outras regiões, as chuvas estão ocorrendo com intensidade e regularidade maiores. Há forte competição entre as lavouras de milho e soja, com perdas para a primeira, que nas últimas safras

² Sistema de acompanhamento de safra, calendário. Registro da situação do desenvolvimento da safra na última semana de novembro nas diferentes regiões do estado. Epagri/Cepa.

apresentou incrementos continuados na área plantada³. Assim, as expectativas totais para a cultura na safra 2020/21 são de uma área total de 18.436,9 mil hectares e uma produção aproximada de 102,6 milhões de toneladas.

O estoque final esperado apara a safra 2020/21 é estimado pela Conab em 7,4 milhões de toneladas, redução de 30,2% em relação à safra anterior. Esse fato se deve ao contínuo crescimento do consumo interno e exportações acima de 30 milhões de toneladas em 2020, estoque que abastece o mercado interno por no máximo 24 dias, considerando a partir de fevereiro de 2021.



Situação mundial

O destaque no relatório do USDA de dezembro⁴ foi a manutenção dos estoques finais de novembro para dezembro. Esta informação impactou negativamente na Bolsa de Chicago. No entanto, os níveis de preços se mantêm em torno de US\$4,20/buschel, um dos maiores valores dos últimos cinco anos. Em relação aos estoques mundiais, os volumes reportados passaram de 321,4 milhões de toneladas para 318,8 MT, com redução contínua nos últimos cinco anos, o que indica que os preços internacionais deverão se manter fortalecidos.

³ Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.8 – safra 2020/21, nº3 – terceiro levantamento | dezembro 2020.

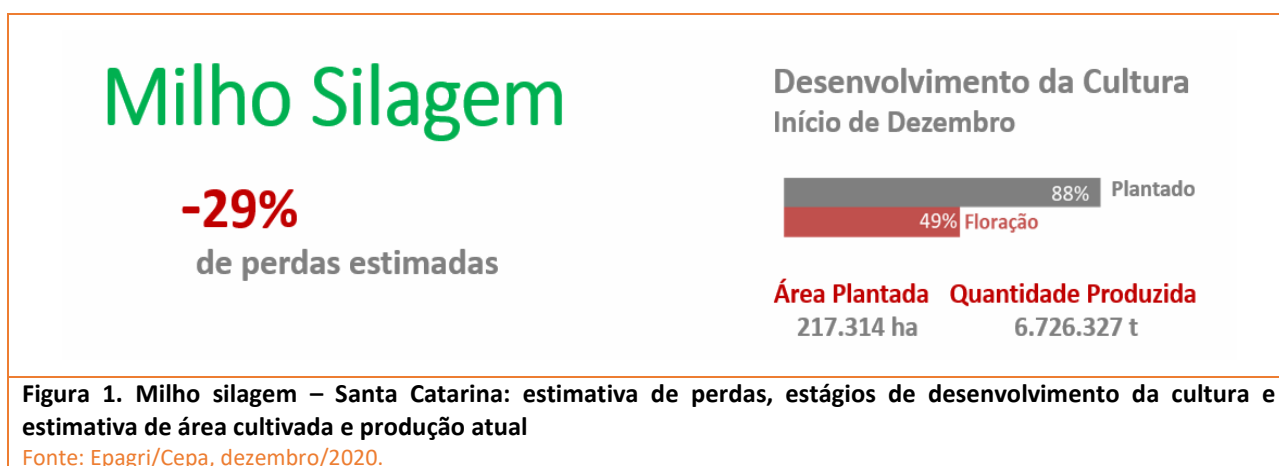
⁴ Global Market Analysis. Foreign Agricultural. Service/USDA 28 December 2020

Milho – Silagem

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br
Felipe Jochims
Zootecnista, Dr. – Epagri/Cepaf
felipejochims@epagri.sc.gov.br

Milho para fins de silagem

A área cultivada na safra 2020/21 está prevista em 217 mil hectares. O desenvolvimento da cultura está com essa área 88% semeada, dos quais 49% se encontra com as plantas em estágio de floração. O período prolongado de estiagem, com precipitações abaixo do padrão esperado para os meses de setembro e outubro, causaram 29% de estimativa de perdas da produção na média estadual em relação ao prognóstico inicial, considerando o período de levantamento até final de novembro (Figura 1).



Acompanhamento safra 2020/21

As perdas foram altamente significativas na região Oeste, onde o déficit hídrico gerou condições de lavoura com redução de produção de grãos e massa de plantas, o que leva a uma baixa qualidade da silagem produzida. Em algumas situações, os agricultores estão colocando os animais a pastorear as áreas ou colhendo e fornecendo aos animais ainda como massa verde, visando alimentar o rebanho devido a baixa oferta de alimentos e ração os animais. A dificuldade será para o próximo ano, pois muitos produtores não terão reservas para alimentação dos bovinos em quantidade suficiente para 2021, especialmente no período de inverno. Há relatos de vendas de matrizes/vacas em função da elevação dos custos de produção e falta de forrageiras. Apesar de negativo, este fato da necessidade de venda de animais pode ser aproveitado para selecionar os melhores animais no rebanho, o que provocará uma possível melhora na qualidade do leite no futuro. As regiões mais prejudicadas são o extremo Oeste, com perdas de 45,42% e Chapecó (40,43%) e Concórdia com perdas estimadas em 34,22%. Os dados se referem a última semana novembro. As regiões mais afetadas são aquelas em que as lavouras encontram-se na fase de floração, período sensível a falta de umidade do solo. As chuvas registradas no final de novembro não amenizam a situação pois as perdas já estão consolidadas, conforme levantamento por microrregião (Tabela 1).

Tabela 1. Milho silagem – Santa Catarina: evolução do plantio safra 2020/21 – Percentual da área cultivada por microrregião até a última semana de outubro

Microrregião	Estimativa inicial		Estimativa atual – Novembro		Perda estimada – Santa Catarina
	Área plant. (ha)	Qtd. prod. (t)	Área plant. (ha)	Qtd.prod. (t)	Qtd. prod. (%)
Chapecó	55.424	2.351.590	54.484	1.283.397	-45,42
São Miguel do Oeste	53.947	2.281.426	53.690	1.358.932	-40,43
Concórdia	23.115	932.530	19.511	613.449	-34,22
São Bento do Sul	900	36.000	900	28.350	-21,25
Canoinhas	6.100	263.700	6.100	212.100	-19,57
Xanxerê	19.350	966.500	18.950	797.779	-17,46
Joaçaba	16.735	801.735	16.619	664.519	-17,11
Curitibanos	2.810	136.210	2.810	118.400	-13,08
Itajaí	215	9.075	215	8.138	-10,33
Ituporanga	1.960	74.690	1.960	70.470	-5,65
Rio do Sul	11.200	393.710	11.220	380.860	-3,26
Blumenau	1.862	70.365	1.949	68.658	-2,43
Tijucas	1.140	37.900	1.140	37.600	-0,79
Tabuleiro	1.175	39.875	1.175	39.650	-0,56
Araranguá	4.766	166.810	4.766	165.959	-0,51
Florianópolis	195	5.275	195	5.275	0,00
Joinville	150	5.250	150	5.250	0,00
Tubarão	11.625	444.165	11.625	444.485	0,07
Criciúma	4.695	211.918	4.695	212.188	0,13
Campos de Lages	5.060	206.868	5.160	210.868	1,93
Santa Catarina	222.424	9.435.592	217.314	6.726.327	-28,71

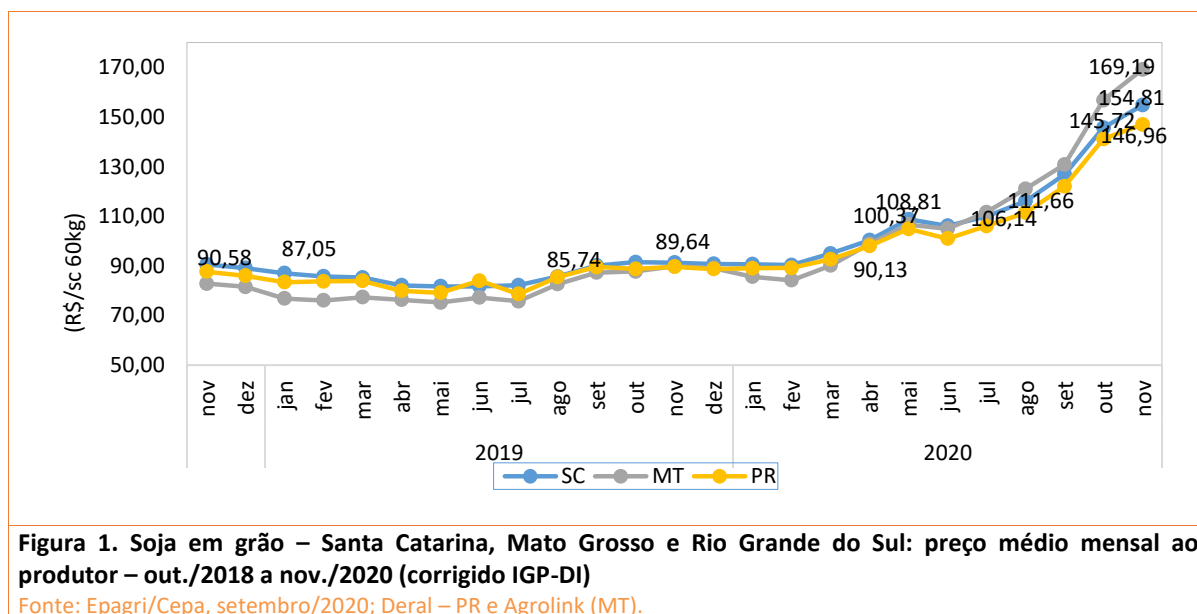
Fonte: Epagri/Cepa – 1/12/2020.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelas@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços da soja em Santa Catarina continuaram apresentando variação positiva. Em novembro, foi de 6,2% frente a outubro. No entanto, está perdendo intensidade. Com esta variação, registrou preço médio mensal de R\$154,81/sc. Nos últimos doze meses, a alta foi de 69%. No Mato Grosso, o aumento foi de 7,9% em relação ao mês anterior, comportamento atípico em relação ao histórico do produto. Os preços no mercado interno seguiram em alta no mês de novembro, operando nas máximas nominais e ultrapassando os recordes reais (Figura 1). Desde 2018, o padrão dos preços esteve entre R\$80,00/sc e R\$90,00/sc. Porém, a partir de abril deste ano as cotações ultrapassaram R\$100,00 e seguindo em elevação. No entanto, no fim de novembro as cotações já mostraram sinais de recuo, refletindo o câmbio, do real frente ao dólar, que desvalorizou (Figura 2).



Em novembro e dezembro/2020, entre os principais fatores que influenciaram os preços, estão:

- elevação dos prêmios de exportação, que reflete no baixo excedente interno, e pelas firmes demandas domésticas. Mesmo com o recuo das cotações do dólar no início de dezembro, a soja continua com os preços fortalecido na Bolsa de Chicago;
- a recuperação da indústria de carne suína chinesa, afetada pela ocorrência de peste suína africana estimulou as importações de soja em 2020. A maior parte dessas compras foram do Brasil. Porém, nos últimos dois meses as compras chinesas foram redirecionadas para a soja dos EUA, o que impulsiona as cotações na Bolsa de Chicago;
- o clima na América do Sul, que está influenciando as cotações da soja no mercado internacional, uma vez que Argentina e Brasil já estão sendo contabilizados reduções nas estimativas de produção. O retorno das chuvas podem pressionar os preços internacionais.

Preços diários

Os preços diários da soja pagos ao produtor em Santa Catarina (praça referência Chapecó/SC), sofreram uma forte ascensão no segundo semestre, registrando alta de 49,5% de julho até meados de novembro, quando atingiram R\$151,00/sc, o valor máximo do período. Após o dia 25 de novembro há um recuo nas cotações, tendo como fator preponderante a queda no valor do dólar. Os preços da praça referência (Chapecó-/SC) estiveram inferiores em relação à média estadual verificada em novembro.

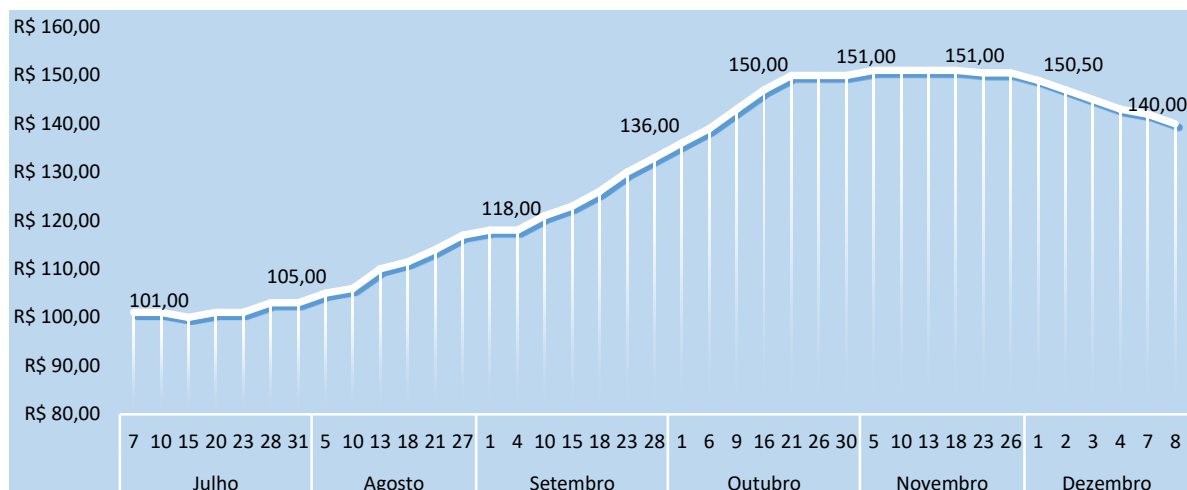


Figura 2. Soja em grão – Cotações diárias dos preços pagos ao produtor de 07 de julho a 08 de dezembro/2020 – praça referência Chapecó (SC)

Fonte: Epagri/Cepa /2020.

Bolsa de Chicago

A dinâmica relacionada com a alta de preços de meados de outubro a novembro é complexa, refletindo basicamente um redirecionamento das compras de soja dos EUA pela China e a limitação dos estoques exportáveis na América do Sul (Brasil e Argentina), bem como o clima nestes países. Os preços da soja na Bolsa de Chicago chegaram a US\$10,00/bu (buschel=27,216kg) em meados de setembro. A partir daí, está se consolidando em um novo patamar. Quando a China direciona suas compras para os EUA, a Bolsa reage, elevando as cotações. De 04 a 12 de novembro as cotações evoluíram cerca de 6%, ultrapassando US\$11,4/bu (Figura 2). O cenário é de que as cotações internacionais permaneçam no patamar atual no médio prazo, em função dos fatores apontados anteriormente e das informações sobre os estoques finais nos EUA, que também influenciam as cotações internacionais. Os estoques finais da safra 2020/2021 nos Estados Unidos estão estimados em 4,76 milhões de toneladas, de acordo com o relatório de 10 de dezembro da USDA). No relatório anterior, os estoques estavam projetados em 5,17 milhões de toneladas, menor nível dos últimos quatro anos⁵. Para o mercado a redução foi pequena, fazendo as cotações recuarem em 10 e 11 de dezembro, sinal que os estoques finais dos EUA e o clima na América Latina estão na pauta do mercado.

Safra catarinense 2020-21

A estimativa inicial indica o cultivo de 677,7 mil hectares de soja no estado. O prognóstico atual aponta uma elevação de 1,63% na área cultivada em relação à estimativa inicial. Neste ano, a estimativa considera a área de cultivo para a primeira e segunda safras separadamente. A segunda safra deverá registrar em torno de 30 mil hectares. Portanto, a estimativa da área total a ser cultivada com soja no estado deverá

⁵ Oilseeds World Markets and Trade. Foreign Agricultural Service/USDA 31 December 2020 Global Market Analysis.dec, 2020.

ultrapassar 700 mil hectares na safra 2020/21. Com o atraso no plantio de milho em função da estiagem prolongada, algumas áreas poderão migrar para o cultivo de soja, mas com limitação na disponibilidade de sementes. As perdas até final de outubro estão apresentadas na Tabela 1, indicando uma redução de 4,5% na produtividade. As regiões que apresentaram maiores índices de perdas na produção foram São Miguel do Oeste e Chapecó, como 20,5% e 15,9%, respectivamente, com base nas informações de novembro. As estimativas são atualizadas a cada mês.

Tabela 1. Soja – Santa Catarina: estimativa inicial e atual da área cultivada (ha), produtividade e produção total – Safra 2020/21

MRG	Safra 2020/21 (estimativa inicial)			Safra 2020/21 (estimativa atual –nov./2020)			Variação %		
	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Quant. (t)	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Quant. (t)	Área	Produt.	Quant.
Araranguá	580	3.402	1.973	580	3.402	1.973	0,00	0,00	0,00
Campos de Lages	62.540	3.319	207.582	64.340	3.392	218.242	2,88	2,19	5,14
Canoinhas	138.400	3.804	526.491	140.600	3.748	526.900	1,59	-1,49	0,08
Chapecó	80.825	3.385	273.603	78.950	2.914	230.094	-2,32	-13,91	-15,90
Concórdia	6.055	3.790	22.946	5.975	3.674	21.950	-1,32	-3,06	-4,34
Criciúma	4.440	3.542	15.728	4.440	3.542	15.728	0,00	0,00	0,00
Curitibanos	111.220	4.151	461.703	111.220	3.933	437.448	0,00	-5,25	-5,25
Ituporanga	8.350	3.505	29.268	8.350	3.505	29.268	0,00	0,00	0,00
Joaçaba	52.960	3.718	196.888	52.960	3.602	190.766	0,00	-3,11	-3,11
Rio do Sul	5.615	3.440	19.316	5.695	3.438	19.580	1,42	-0,06	1,37
São B. do Sul	11.300	3.612	40.811	11.800	3.444	40.640	4,42	-4,64	-0,42
São M. do Oeste	35.459	3.789	134.364	35.459	3.010	106.746	0,00	-20,55	-20,55
Tubarão	650	3.200	2.080	650	3.300	2.145	0,00	3,13	3,13
Xanxerê	138.660	3.496	484.813	146.760	3.442	505.092	5,84	-1,57	4,18
Total Geral	657.054	3.679	2.417.566	667.779	3.514	2.346.572	1,63	-4,50	-2,94

Fonte: Sistema de acompanhamento de Safra Epagri/Cepa, dezembro/2020.

Acompanhamento da safra

O plantio da soja no estado inicia mais significativamente em outubro e novembro, janela mais adequada para plantio, conforme o zoneamento agroclimático. Em várias regiões, o plantio está registrando atraso em relação à safra 2019/20. **No estado, cerca de 78% da área estimada já estava semeada** até fins de novembro. Com as chuvas em novembro, foram retomados e intensificados os trabalhos de plantio, especialmente nas regiões Campos de Lages e Curitibanos, que se encontram com 60% e 75% da área semeada.

Situação da safra na última semana de novembro nas diferentes regiões do estado⁶

Região Oeste: Após as chuvas de novembro, houve um incremento significativo na semeadura, com os serviços de plantio sendo finalizados na região. As perdas mais significativas em função da estiagem ocorreram nos municípios situados no vale do Rio Uruguai. Nas áreas com maiores altitudes, como nos municípios de Palma Sola, Campo Erê, Abelardo Luz e Xanxerê, que também contemplam as maiores áreas cultivadas, as perdas são menores. Contudo, o plantio está atrasado em relação aos anos anteriores.

Região Planalto Norte: (Canoinhas/Mafra): condições climáticas favoráveis nas duas últimas semanas de novembro e início de dezembro. As áreas cultivadas estão em fase de desenvolvimento vegetativo 5% das áreas com avaliação ruim se referem aos plantios que apresentaram redução no estande devido a estiagem no período de plantio e pela opção dos produtores de não replantar.

⁶ Sistema de acompanhamento de safra (última semana de novembro). O Sistema de Acompanhamento de Safras é atualizado a cada mês para área, produção e rendimento das culturas. Epagri/Cepa.

Região Planalto Sul: Curitiba/Campos Novos/Campos de Lages: o mês de novembro foi marcado pelo retorno das chuvas em bom volume na região. Isso propiciou uma melhora e um nivelamento significativo nas lavouras. De forma geral a safra está se desenvolvendo bem, apesar da estiagem em setembro e outubro. Algumas áreas já em florescimento. O plantio continua, com a finalização dos trabalhos até meados de dezembro.

Região Sul: Plantio concluído na região. De modo geral, as lavouras seguem com bom desenvolvimento. Nos próximos dias deve iniciar a floração das primeiras áreas.

Alto Vale do Itajaí (Rio do Sul e Ituporanga): Iniciando o plantio na região, que deve ser intensificado nas próximas semanas. As chuvas verificadas na semana de 9 a 13/11 melhoram as expectativas;

Meio-Oeste (Joaçaba, Videira e Caçador): plantio em andamento, porém com atraso em função da estiagem. Plantio se intensificou com o retorno das chuvas.

Cenário Nacional da Safra 2020/21

Com as condições de mercado atrativas para a comercialização do grão, estima-se um continuado crescimento da área plantada, com previsão de incremento de 3,3% em comparação à safra anterior, atingindo 38,17 milhões de hectares semeados⁷. O plantio está em fase final na maior parte das regiões produtoras, com as oscilações climáticas impactando negativamente o ritmo das operações. No entanto, com a expectativa das normalizações hídricas, não se espera graves comprometimentos nos níveis de produtividade. No Sul, a estiagem já está impactando nos rendimentos, mas ainda é cedo para quantificar perdas.



Exportações de Soja : Brasil e Santa Catarina

De janeiro a novembro de 2020 o Brasil exportou 82,7 milhões de toneladas de soja, contra 74,06 MT no mesmo período de 2019⁸. Mais de 70% teve como destino a China. Em relação as exportações catarinenses, os volumes ultrapassaram os 2 milhões de toneladas no acumulado do ano até novembro (Figura 4). Cerca de 97% das exportações foram na forma de grãos. Nos principais grupos de produtos exportados pela agropecuária do estado, os produtos do complexo soja ocupam a quarta posição em valor FOB (US\$).

⁷ Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.8 – safra 2020/21, nº3 – terceiro levantamento | dezembro 2020.

⁸ <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>. Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura.

Exportações de Santa Catarina			
Grupos de Produtos	Volume SC (t)	Valor SC (mil US\$)	US\$/t SC
Produtos de origem vegetal	2.003.751,14	700.472,86	0,35
Produtos do complexo soja	2.003.751,14	700.472,86	0,35
12019000-Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura	1.934.687,27	663.990,17	0,34
12081000-Farinha de soja	7,08	7,49	1,06
15071000-Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	11.143,78	6.902,52	0,62
15079011-Óleo de soja, refinado, em recipientes com capacidade inferior ou igual a 5 litros	16.983,22	15.716,61	0,93
15079019-Óleo de soja, refinado, em recipientes com capacidade menor que 5 litros	584,02	544,28	0,93
15079090-Outros óleos de soja	2,58	2,62	1,02
23040010-Farinhas e pellets, da extração do óleo de soja	37.549,29	12.426,82	0,33
23040090-Bagaços e outros resíduos sólidos, da extração do óleo de soja	2.793,91	882,35	0,32
Total	2.003.751,14	700.472,86	0,35

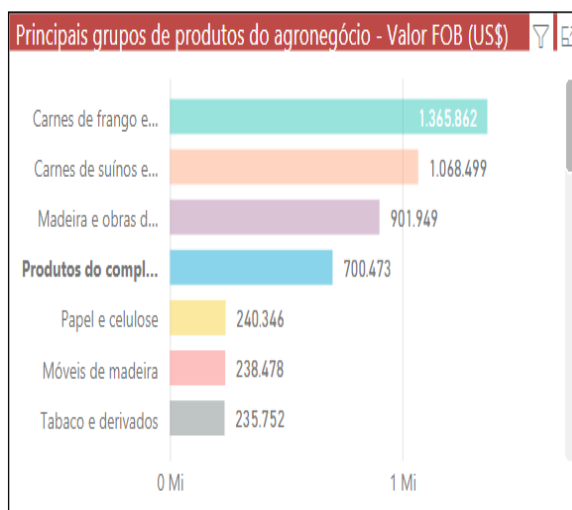


Figura 4. Soja – Brasil: Exportações de produtos do complexo soja e principais produtos do agronegócio exportados
Fonte: MDIC, novembro/2020. . Elaboração Epagri/Cepa

Importações de Soja : Brasil

Em 2020, o Brasil está importando volumes recordes de soja. O câmbio incentivou as exportações, reduzindo os estoques internos aos menores níveis, com isto, estão sendo necessárias importações para abastecimento do mercado doméstico. No total, foram importadas 916,9 mil toneladas de janeiro a novembro de 2020. Os principais itens foram: soja em grão (747,9 mil toneladas) e óleos (157,6 mil toneladas).

- Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura
- Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado
- Proteínas de soja em pó, com teor de proteínas superior ou igual a 90 %, em peso, em base seca
- Farinhas e pellets, da extração do óleo de soja
- Óleo de soja, refinado, em recipientes com capacidade inferior ou igual a 5 litros
- Óleo de soja, refinado, em recipientes com capacidade menor que 5 litros
- Outros óleos de soja
- Soja, mesmo triturada, para semeadura
- Bagaços e outros resíduos sólidos, da extração do óleo de soja

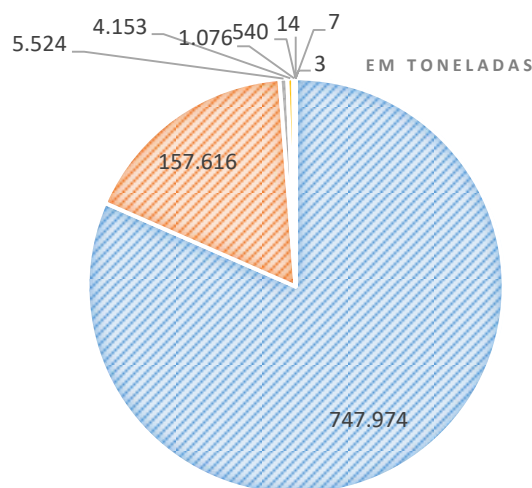


Figura 5. Soja – Importações: Produtos do complexo soja e principais produtos importados pelo Brasil
Fonte: MDIC – Comexstat, novembro/2020. Elaboração: Epagri/Cepa.

Trigo

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Nos últimos meses, os produtores de trigo estão presenciando manutenção da tendência altista para as cotações do trigo. São vários os fatores que sustentam essa alta: entrada na safra 2020/21 com estoque reduzido em função da frustração na safra passada; valorização do dólar frente ao real; demanda mundial em alta e com países exportadores retendo seus estoques em função da pandemia, por se tratar de um cereal estratégico para a segurança alimentar; redução das projeções de plantio na Argentina (6,9 para 6,7 milhões de hectares) e perdas de produtividade decorrentes da estiagem; perdas promovidas pela estiagem também no Paraguai, e na região Sul do país, a ocorrência de geadas na época de plantio e estiagem próximo à época de colheita reduziram as expectativas de produção nos estados produtores.

No mês de novembro, levantamentos da Epagri/Cepa mostram que no mercado de balcão (valor pago ao produtor), no mercado catarinense, o valor médio da saca de 60kg subiu 21,82%. No Paraná e Rio Grande do Sul, houve crescimento de 9,85% e 12,40%, respectivamente. Muitos compradores estão atentos à finalização da colheita na região Sul do país, na expectativa de que os preços fiquem mais atrativos. Mesmo com baixa procura por parte dos moinhos em novembro, já esperada com a chegada do final de ano, os preços se mantiveram em patamares elevados.

Tabela 1. Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg

Estado	Nov./2020	Out./2020	Variação mensal (%)	Nov./2019	Variação anual (%)
Santa Catarina	80,73	66,27	21,82	42,56	89,7
Paraná	75,37	68,61	9,85	45,83	64,5
Mato Grosso do Sul	73,13	66,82	9,44	43,36	68,7
Goiás	72,00	72,00	0,00	51,00	41,2
Rio Grande do Sul	77,51	68,96	12,40	38,88	99,4

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, GO e RS), dezembro/2020.

Nota: Trigo Pão PH78.

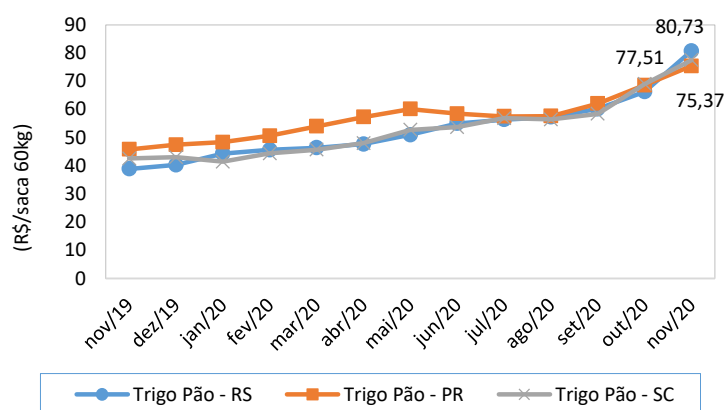


Figura 1: Trigo – Preços pagos ao produtor em SC, RS e PR – nov./2019 a nov./2020

Fonte: Epagri/Cepa, dezembro/2020.

Em comparação ao mesmo período de um ano atrás, em termos nominais os produtores catarinenses estão recebendo cerca de 89,7% a mais pela saca do produto; para os produtores paranaenses, alta de 64,5%, e para os produtores gaúchos, aumento de 99,4%.

Na Figura 1, é possível verificar o incremento dos preços médios pagos ao produtor nos últimos 12 meses para os três estados da região Sul.

Em relação aos derivados do trigo, dados do Cepea/Esalq registraram as para as farinhas: pré-mistura, 9,9%;

bolacha doce, 8,2%; massas em geral, 6,8%; panificação, 6,2%; massas frescas, 4,5%; bolacha salgada, 3,9% e integral, 1%. Em função dos moinhos estarem trabalhando com estoques baixos, o volume de farelos foi bastante reduzido, o que propiciou um aumento de 19,6% para o farelo a granel e de 17,7% para o ensacado, em novembro.

Safra Nacional

As operações de colheita estão praticamente finalizadas no país, segundo dados da Conab, mais de 99% da área total foi colhida até o final de novembro. O rendimento médio tem sido maior em comparação ao ano passado, especialmente pelas melhores condições climáticas visualizadas nesta safra, apesar de registros de algumas intempéries, como ocorrência de geadas no Sul e Sudeste e escassez de precipitações.

A Conab estima que, em relação à safra passada, a produção nacional de trigo deverá crescer 19,95%, passando de 5,15 para 6,18 milhões de toneladas. As importações deverão passar de 6,67 para 6,80 milhões de toneladas, crescimento de 1,85%. Esses incrementos deverão atender satisfatoriamente ao aumento de 1,38% no suprimento de trigo, que foi de 13,0 para 13,2 milhões de toneladas. Por outro lado, nas exportações, foi observado um incremento de 104,5%, passando de 342 para 700 mil toneladas, impulsionado pelo câmbio favorável.

Safra Catarinense

Em Santa Catarina, a colheita está praticamente encerrada, até final de outubro, cerca de 99,47% da área destinada ao cultivo de trigo já havia sido colhida. Em relação às estimativas de produção, no comparativo com a safra passada registrou-se aumento de 27% na área plantada, estimulado pelos bons preços no início da safra, levando os produtores a investir na atividade, com ampliação nas suas áreas de cultivo. Esse incremento na área de trigo sustentou o aumento de 22% na produção estadual.

Com o agravamento da estiagem, a produtividade média reduziu consideravelmente, sendo esperada uma produtividade 4% menor que a obtida na safra passada. Assim, deverão ser colhidos, em média, 2.923kg/ha, ante os 3.047kg/ha registrados anteriormente. O clima, de maneira geral, comprometeu as boas expectativas que existiam no início da safra, sobretudo pelo bom momento para as *commodities*.

Tabela 2. Trigo grão – Santa Catarina: comparativo entre a safra 2019/20 e a estimativa atual da safra 2020/21

Microrregião	Safra 2019/20			Estimativa Safra 2020/21			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	924	2.158	2.335	634	1.285	2.027	-31	-40	-13
Canoinhas	9.500	35.419	3.728	16.480	58.731	3.564	73	66	-4
Chapecó	11.584	34.323	2.963	14.413	38.228	2.652	24	11	-10
Concórdia	706	1.985	2.812	881	2.314	2.626	25	17	-7
Curitibanos	7.301	23.268	3.187	9.040	29.212	3.231	24	26	1
Ituporanga	840	2.078	2.474	781	2.032	2.601	-7	-2	5
Joaçaba	3.848	10.939	2.843	6.187	13.475	2.178	61	23	-23
Rio do Sul	200	485	2.425	250	605	2.420	25	25	0
São Bento do Sul	500	1.710	3.420	700	2.366	3.380	40	38	-1
São Miguel do Oeste	3.748	8.100	2.161	4.595	11.870	2.583	23	47	20
Xanxerê	11.650	34.309	2.945	10.531	28.372	2.694	-10	-17	-9
Santa Catarina	50.801	154.774	3.047	64.492	188.490	2.923	27	22	-4

Fonte: Epagri/Cepa, dezembro/2020.

Hortalças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiguigel@epagri.sc.gov.br

Com precipitações abaixo da média histórica para o período, além de irregularmente distribuídas em praticamente todo o ciclo da cultura, a safra catarinense de alho apresenta variações importantes em produtividade e qualidade comercial dos bulbos. Embora a boa infraestrutura que boa parte dos produtores possui, visto que a especialização na atividade tem avançado nos últimos anos, em muitos casos a prolongada estiagem dificultou o fornecimento de água em períodos críticos do desenvolvimento da cultura. Outro fator que afetou a qualidade das lavouras foram os eventos extremos que ocorreram durante o ciclo da cultura, como chuva de granizo localizada, dentre outros, que propiciaram perdas importantes nas lavouras.

Preço

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade do município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado na primeira semana de novembro a R\$14,20/kg, fechando o mês em R\$14,27/kg, aumento de 0,50% no mês. O alho classe 6, no mesmo período, passou de R\$16,20/kg para R\$15,29/kg, redução de 5,62%, e o alho classe 7 fechou novembro a R\$17,91/kg, redução de 1,59% em relação ao início do mês.

Na primeira semana de dezembro, os preços, para todas as classes do alho roxo nacional, tiveram pequeno aumento de preços, que variou de 0,5% a 2,35% em relação ao final de novembro, indicando estabilidade no mercado da hortalça.

No caso do alho chinês, o preço no atacado, em novembro, ficou estável em R\$13,00/kg até o final do mês. Nas primeiras semanas de dezembro baixou para R\$12,50/kg, redução de 3,84%. O alho importado da China, mesmo com taxa *antidumping* de US\$0,78/kg e qualidade inferior ao alho nacional, é o produto concorrente que impacta o mercado brasileiro e constitui desafio aos produtores brasileiros.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o alho nobre nacional, classes 4 e 5, que foi comercializado em outubro a R\$12,50/kg, fechou o mês de novembro a R\$11,50/kg, redução de 8,00%.

O alho classes 6 e 7, que finalizou o mês de outubro a R\$16,00/kg, fechou o mês de novembro a R\$14,00, redução de 12,5% no mês.

Produção

A Epagri/Cepa atualizou a estimativa de produção para esta safra em função das perdas proporcionadas pelos eventos climáticos ocorridos no estado. A cultura foi afetada fortemente, de forma geral, pela estiagem e, localizadamente, por temporais, como chuva de granizo. Nesse sentido, estima-se que as perdas na safra de alho no estado sejam de pelo menos 15,4%. Sendo assim, a produção de alho em Santa Catarina deverá ser de aproximadamente 17,8 mil toneladas.

Quanto ao andamento da safra, as chuvas ocorridas no mês de novembro contribuíram para que os plantios mais tardios pudessem ter uma condição hídrica mais adequada ao enchimento dos bulbos. Segundo o acompanhamento de campo da Epagri/Cepa, o mês de novembro fechou com 84% da safra já colhida e cerca de 8% na fase final de maturação. A condição das lavouras, em termos de sanidade, é considerada boa em 80% da área plantada no estado, proporcionada pela menor presença de umidade durante praticamente todo ciclo de desenvolvimento da cultura. Nos 20% restantes, as condições são de

médias a ruínas, em função da severidade das perdas propiciadas por granizo, ciclone e falta de chuvas. Desta forma, a safra tem maior presença de bulbos de calibre menor em relação à uma safra normal, acarretando perda na qualidade comercial do produto.

Apesar dos avanços na infraestrutura das propriedades nos últimos anos, a recorrência de estiagens no estado e suas consequências para o setor produtivo, como é o caso da cultura do alho, mostra a pertinente da implantação de políticas de apoio à estruturação de sistemas de captação e armazenamento de água para irrigação. A cultura do alho tem seus períodos críticos que demandam água em qualidade, quantidade e distribuição adequadas no tempo, de acordo com o período de desenvolvimento da cultura. Nesse sentido, a junção de esforços de produtores e setor público pode contribuir decisivamente para o estado manter a produção de uma cultura em que Santa Catarina é o berço nacional.

Comércio exterior

Em novembro, a China manteve a posição de maior fornecedora de alho ao Brasil, seguida pela Argentina e Egito.

Como pode ser observado na Tabela 1, nos meses de maio, junho e julho as importações foram acima dos volumes médios mensais dos últimos quatro anos. Porém, nos meses de agosto, setembro e outubro os volumes foram menores. No mês de novembro, foram importadas 16,19 mil toneladas, o maior volume para o mês nos últimos quatro anos. Desta forma, 2020 já é o ano com maior volume de alho importado desde 2017. Para Santa Catarina e o Sul do Brasil, estados em que a safra está para ser comercializada, não é um cenário positivo.

Até o mês de novembro, o Brasil internalizou 178,86 mil toneladas do produto, enquanto no mesmo período do ano passado o volume foi de 146,24 mil toneladas, crescimento de 18,23% no período (Tabela 1).

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de jan./2017 a nov./2020 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,81
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,92	23,33	15,93	12,02	9,39	16,15	-	178,86

Fonte: Comexstat/ME: dezembro/2020.

Em novembro, o preço médio (FOB) do alho importado continuou com pequena recuperação em relação ao mês de outubro, porém, ainda ficou muito abaixo dos patamares de jan./19 a jul./20. Em relação ao mês passado, o aumento foi de 14,77%, passando de um preço médio de US\$0,88/kg para US\$ 1,01/kg (Figura 1).

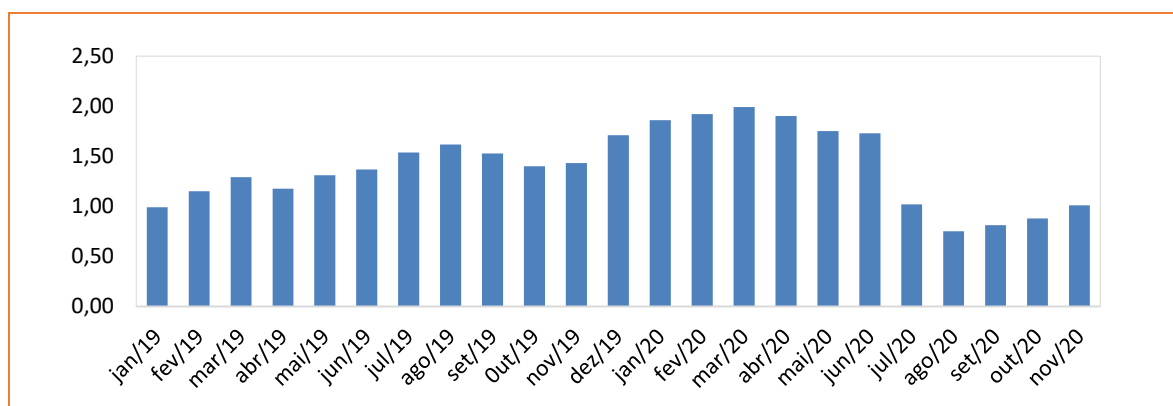


Figura 1. Alho – Brasil: evolução do preço médio (FOB) de importação – jan./2019 a nov./2020 (US\$/kg)

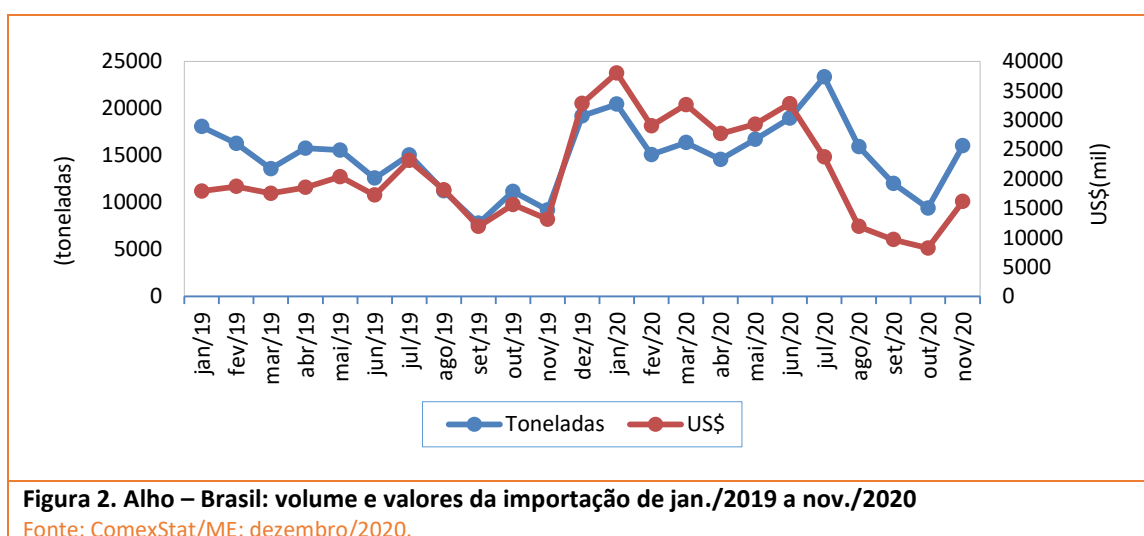
Fonte: ComexStat/ME: dezembro/2020.

Na Figura 2 é apresentada a evolução da quantidade de alho internalizada e o desembolso mensal de janeiro de 2019 a novembro de 2020, pelo Brasil.

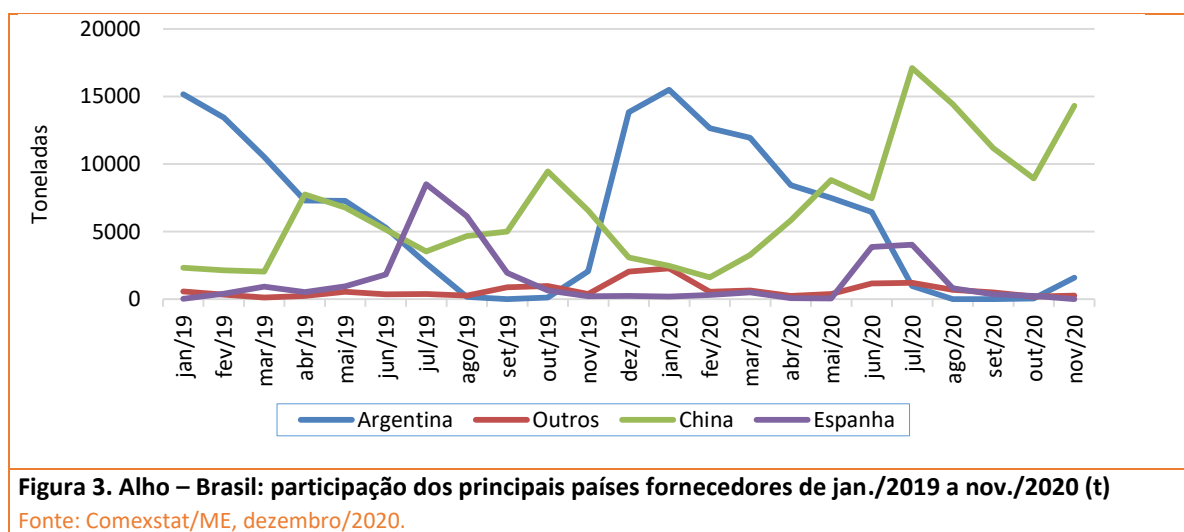
Destaca-se a queda vertiginosa do preço do produto no mercado internacional a partir de junho. Embora nos últimos quatro meses tenha ocorrido recuperação média dos preços FOB, na ordem de 34%, o mercado não está favorável ao produto nacional. Essa situação foi provocada pela forte presença do alho chinês nas importações brasileiras. Para a Associação Nacional de Produtores de Alho (Anapa), as liminares que os importadores obtêm na justiça para isenção do pagamento da taxa antidumping, que é de US\$0,78/kg, contribuem para prejudicar e até inviabilizar o produtor nacional.

Em novembro, o volume total importado foi de 16,00 mil toneladas, aumento de 70,32% em volume em relação a outubro. Comparada com novembro de 2019, quando a importação foi de 9,19 mil toneladas, o aumento é de 74,10%, volume que está impactando a conjuntura do mercado interno.

O desembolso com a importação no mês de novembro foi de US\$16,15 milhões (FOB), aumento de 96,23% em relação a outubro, puxado pelo maior volume importado e aumento no preço médio (FOB) (Figura 2).



Em novembro, os principais fornecedores de alho para o Brasil foram a China, com 14,29 mil toneladas, representando 88,51% do total importado, a Argentina, com 1,59 mil toneladas, 9,85% do total, e o Egito, com 265 toneladas, significando 1,64% do total (Figura 3).



Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

A safra catarinense de cebola 2020/21 foi afetada por eventos climáticos, como a estiagem, em boa parte do período de desenvolvimento da cultura. Além disso, em algumas regiões, notadamente Ituporanga e Rio do Sul, ocorreram chuvas de granizo com prejuízos significativos aos produtores. Os efeitos da falta de chuvas nos períodos críticos da cultura, embora muitos produtores disponham de infraestrutura para a irrigação, estão sendo percebidos pela maior quantidade de bulbos de menor calibre (caixa 2). A presença e bulbos de menor calibre torna-se um problema para os produtores, por ser um produto com preço bastante baixo no mercado.

Preços e Mercado

O mês de novembro iniciou com as cotações da cebola em alta, puxadas pelo final da comercialização da safra do Cerrado e pela ocorrência de chuvas nas regiões de Irecê e Vale do São Francisco. Segundo a revista Hf/Cepea, a cebola caixa 3 beneficiada foi comercializada, na primeira semana de novembro, a R\$1,61/kg no Triângulo Mineiro e a R\$1,60/kg em Cristalina (GO), aumento de 47,5% e 50,1%, respectivamente, em relação ao final do mês de outubro.

No Sul, nas primeiras semanas de novembro teve início a comercialização das cebolas de ciclo curto, cuja qualidade foi afetada pela falta de chuvas, produzindo bulbos de calibres menores e, consequentemente, afetando a produtividade das lavouras. Em relação ao mercado, na semana de 09 a 13/11, na região de Ituporanga, a cebola foi comercializada a R\$1,47/kg, preço ao produtor, valor acima do custo médio de produção para a região.

A boa notícia é que no mês de novembro, mesmo que timidamente, retornaram as precipitações. Mesmo irregulares e insuficientes para recompor reservatórios e mananciais, as chuvas contribuíram para que os cultivares de ciclo médio e tardio tenham melhores condições para o enchimento dos bulbos na fase final do desenvolvimento da cultura.

Na Ceagesp/SP, a cebola iniciou o mês de novembro com preço em alta, passando de R\$1,95/kg no dia 04/11, para R\$ 2,48/kg no dia 06/11, fechando a primeira quinzena do mês com preço pouco acima de R\$2,00/kg.

A segunda quinzena do mês iniciou com preços de R\$2,20/kg no dia 18/11, baixando para R\$2,15/kg no dia 23/11, mantendo-se praticamente nesta faixa até o final do mês. No dia 30/11, o preço no atacado foi de R\$2,16/kg, redução de 12,90% em relação ao início do mês.

Na primeira semana de dezembro, no dia 02, o preço permanecia a R\$2,16/kg. Porém, na segunda semana, no dia 09/12, o preço passou para R\$2,37/kg, aumento de 9,72% em relação à semana anterior.

No atacado da Ceasa/SC (Unidade de São José), o mês de novembro iniciou com preço da cebola a R\$1,50/kg. Na semana seguinte, no dia 10/11, o preço foi de R\$1,75/kg, chegando a R\$1,90/kg no dia 19/11, aumento de 26,66% em relação ao início do mês. No entanto, a partir de 25/11 o preço passou a R\$1,75/kg, fechando o mês nesse valor e, inclusive, permanecendo até o dia 11/12.

Safra catarinense

A safra catarinense de cebola está na fase final de desenvolvimento. O mês de novembro encerrou com aproximadamente 60% da safra colhida, segundo levantamento da Epagri/Cepa. As regiões com a colheita

mais avançada são o Alto Vale do Itajaí, Tabuleiro e Tijucas. Nas regiões de Lebon Régis e Campos de Lages, especialmente, onde os plantios são realizados mais tardiamente, a expectativa é que o retorno das chuvas desde meados de novembro favoreça o desenvolvimento da cultura, mesmo na fase final, com melhor enchimento dos bulbos.

De forma geral, a produção colhida até o momento apresenta condição de sanidade muito boa, porém com alta porcentagem de bulbos de baixo calibre. Segundo levantamento de campo da Epagri/Cepa, a safra apresenta em torno de 40% de bulbos caixa 2 (diâmetro de 35 a 50mm) sendo grande a preocupação dos produtores com o menor preço de mercado para essa categoria do produto. Por outro lado, a boa condição de sanidade, associada a um correto processo de cura, permitirá que a produção possa permanecer por maior tempo armazenado, possibilitando ao produtor aproveitar as melhores condições de mercado para a comercialização.

Importação

De janeiro a novembro deste ano, o Brasil importou 197,1 mil toneladas de cebola, volume próximo da importação do ano passado, que foi pouco acima de 211 mil toneladas. As importações deste ano tiveram seu período de maior volume nos meses de abril, maio e junho, que comparativamente tiveram volumes acima dos mesmos meses dos anos anteriores (Tabela 1).

Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de jan./2018 a nov./2020 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2018	417	6.549	22.546	37.380	34.323	14.422	162	115	115	230	491	1.136	117.886
2019	831	6.464	25.176	51.765	33.103	28.366	15.297	14.272	21.211	12.705	1.557	773	211.520
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	293	-	197.112

Fonte: Fonte: ComexStat/ME, dezembro/2020.

Em novembro, foram importadas apenas 293 toneladas de cebola, redução de 85,67% em relação ao mês de outubro, com desembolso total de US\$150 mil (FOB).

Em comparação com novembro de 2019, quando as importações somaram 1.557 toneladas, a redução foi de 81,18% (Figura 1). O preço médio FOB em novembro foi de US\$0,53/kg, aumento de 47,22% em relação ao mês de outubro, quando o preço foi de US\$0,36/kg. O preço praticado no mês, relativamente alto em relação ao histórico, é decorrente de tipos de cebolas especiais para nichos de mercados no país.

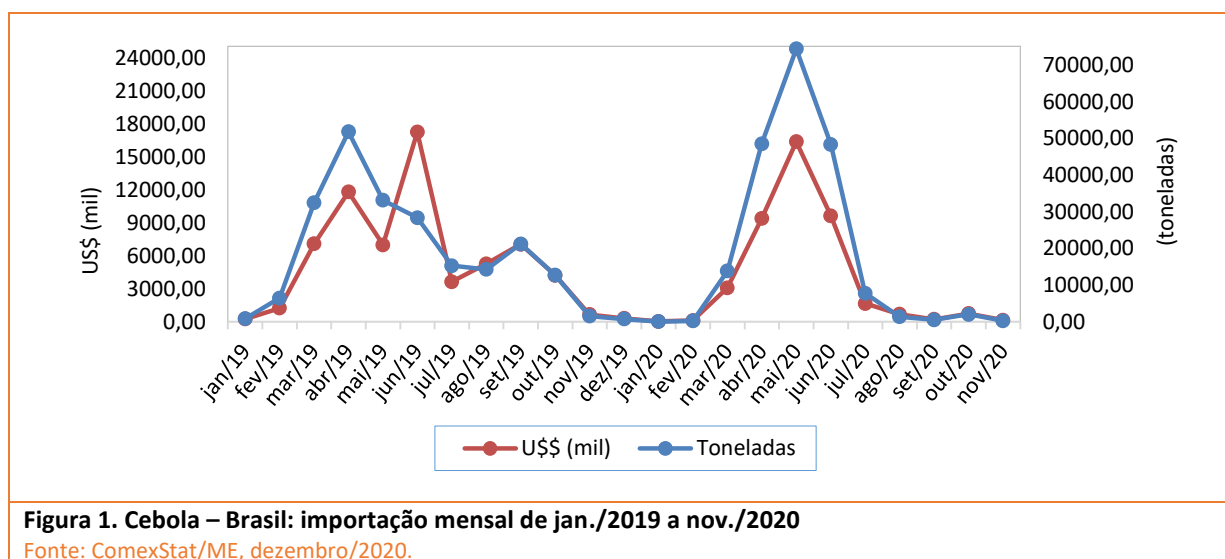
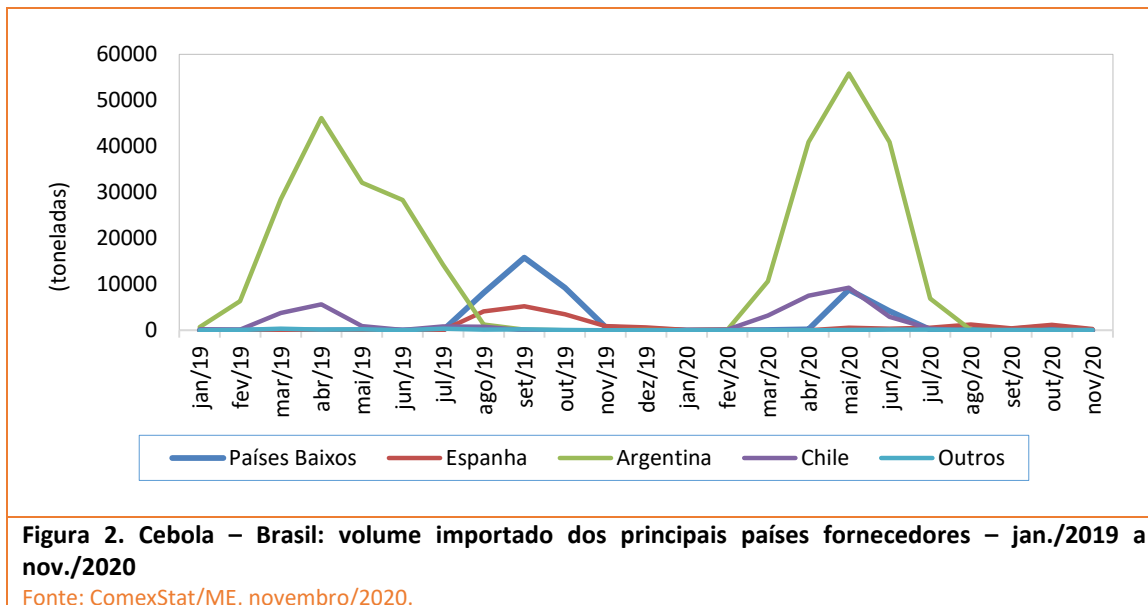


Figura 1. Cebola – Brasil: importação mensal de jan./2019 a nov./2020

Fonte: ComexStat/ME, dezembro/2020.

Os principais fornecedores foram a Espanha, com 241,59 toneladas, ou 82,26% do total, Reino Unido, com 26 toneladas, 8,87%, e o Peru, também com 26 toneladas, 8,87% do total (Figura 2).



Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Diferentemente dos bovinos e suínos, os preços do frango vivo mantiveram-se em alta na maioria dos estados analisados neste boletim. Em relação a novembro, os valores preliminares da primeira quinzena de dezembro apresentaram altas de 3,1% no Paraná e 1,0% em Santa Catarina. São Paulo, por outro lado, registrou queda de 1,3% no período.

Na comparação com os preços praticados em dezembro de 2019, observam-se variações positivas bastante expressivas em todos os estados analisados: 51,4% em São Paulo, 47,9% no Paraná e 20,6% em Santa Catarina. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de **4,3%**, de acordo com o IPCA/IBGE.

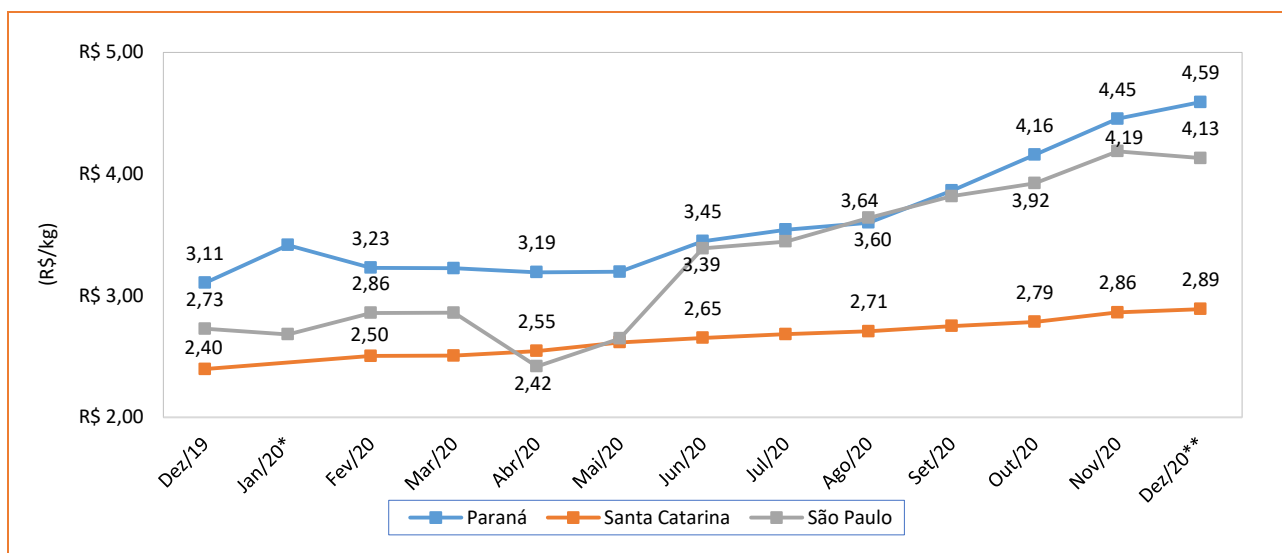


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, Paraná e São Paulo: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)

(*) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Preço de janeiro/2020 de Santa Catarina não disponível.

** Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/dez./2020.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP), dezembro/2020.

Em Santa Catarina, as três praças de levantamento de preços registraram altas na primeira quinzena de dezembro em relação ao mês anterior: 0,9% em Chapecó, 1,3% em Joaçaba e 0,7% no Sul Catarinense. Na comparação com os preços praticados em dezembro de 2019, as variações são expressivas em todas as praças: 31,2% em Chapecó, 21,1% no Sul Catarinense e 9,3% em Joaçaba.

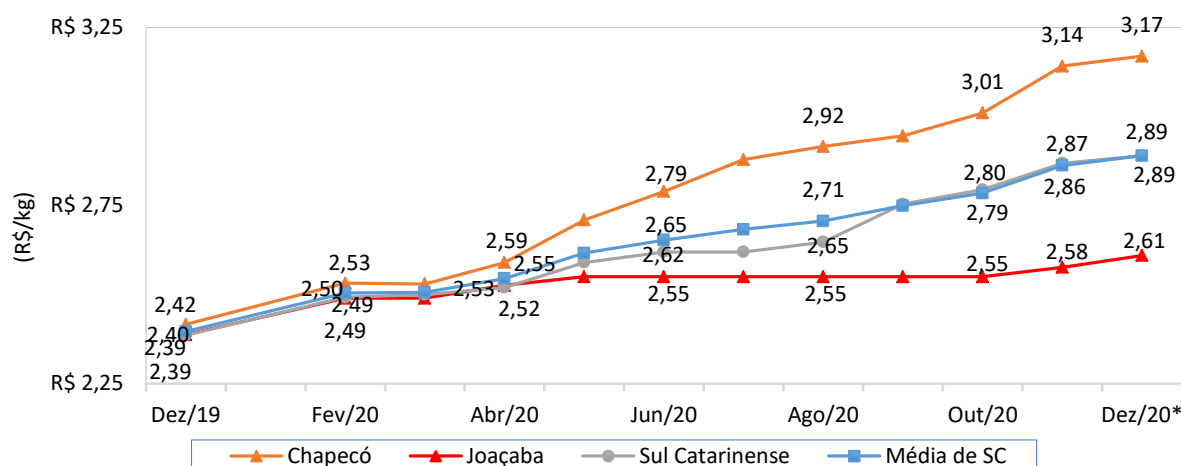


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/dez./2020.

Fonte: Epagri/Cepa, dezembro/2020.

Nas primeiras semanas de dezembro registrou-se continuidade do movimento de alta nos preços de atacado de todos os cortes acompanhados pela Epagri/Cepa, quando comparados ao mês anterior: frango inteiro congelado (5,8%), filé de peito congelado (5,3%), peito com osso congelado (3,1%) e coxa/sobrecoxa congelada (2,2%). A variação média foi de 4,1%. Embora ainda seja expressivo, esse valor é inferior aos dois meses anteriores, quando foram registradas variações médias de 9,0% e 8,8%, respectivamente, demonstrando uma desaceleração na tendência de elevação dos preços destes produtos.

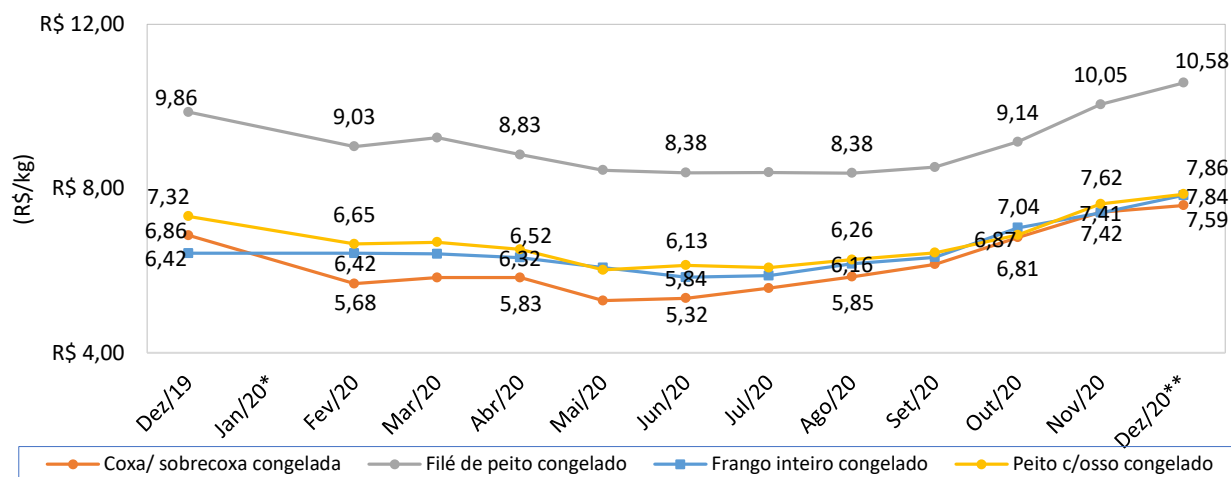


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – Preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Preços do mês de janeiro/2020 não disponíveis.

** Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/dez./2020.

Fonte: Epagri/Cepa, dezembro/2020.

Esse cenário deve-se ao consumo menor que o esperado e ao recuo dos preços das demais proteínas concorrentes (bovina e suína), que pressiona negativamente os preços das aves. É possível que a redução no valor do auxílio emergencial e o eminente fim desse programa também tenham contribuído nessa situação.

Ao comparar os valores preliminares de dezembro com o mesmo mês de 2019, todos os cortes apresentam variações positivas: frango inteiro (22,0%), coxa/sobrecoxa (10,6%), peito com osso (7,3%) e filé de peito (7,3%). Na média, a variação foi de 11,8%.

Segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP), em meados de novembro o frango resfriado, na Grande São Paulo, atingiu seu maior patamar em termos nominais desde o início da série histórica, em 2004. Contudo, nas semanas seguintes o consumo foi aquém do esperado e fez com que as cotações recuassem.

Custos

Em novembro, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango), da Embrapa Suínos e Aves, apresentou alta de 5,1% em relação ao mês anterior. No ano, o índice acumula alta de 41,4%, decorrente, principalmente, da elevação dos custos com alimentação (34,9%) e pintos de 1 dia (4,5%).

Depois de cinco meses seguidos de alta, a relação de equivalência insumo-produto apresentou uma queda expressiva na primeira quinzena de dezembro (-7,6%). Tal resultado é fruto, essencialmente, da variação negativa no preço de atacado do milho (-6,7%), embora a alta de 0,9% no preço do frango vivo também tenha contribuído com esse movimento. Ambos os valores se referem à praça de Chapecó. Contudo, na comparação com dezembro de 2019, o valor atual da relação de equivalência apresenta alta de 40,6%.

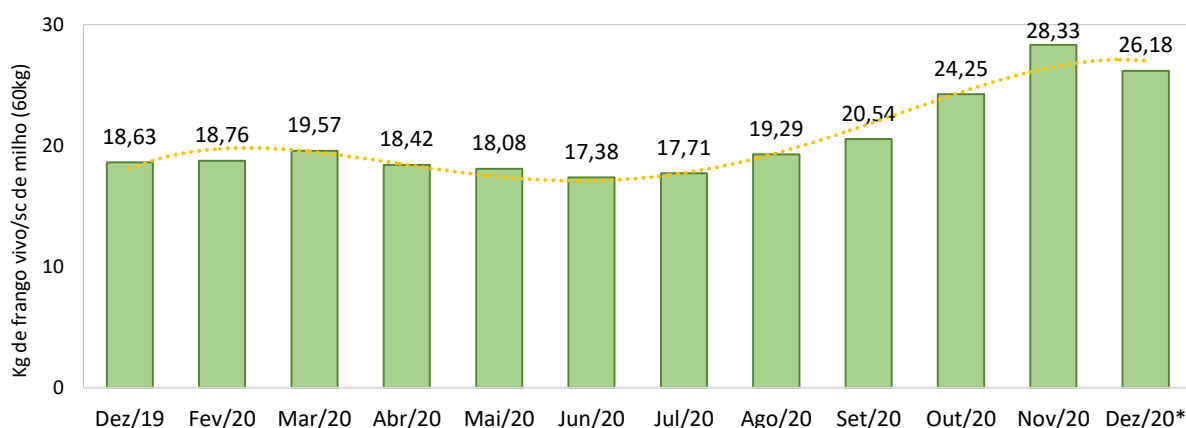


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho

Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2020.

* O valor de dezembro é preliminar, relativo ao período de 1 a 15/dez./2020.

Fonte: Epagri/Cepa, dezembro/2020.

Conforme sinaliza a relação de equivalência, os custos com nutrição animal recuaram nas primeiras semanas de dezembro, graças à redução nos preços do farelo de soja e do milho nesse período. No entanto, permanece a preocupação em relação ao primeiro semestre de 2021, com uma possível dificuldade de abastecimento de milho e consequente alta nos preços, em função da estiagem prolongada e do atraso no plantio da soja (que deve afetar o plantio do milho safrinha).

Comércio exterior

Em novembro, o Brasil exportou **341,07 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), crescimento de **9,5%** em relação ao mês anterior e **4,6%** acima do registrado em novembro de 2019.

As receitas foram de **US\$467,90 milhões**, alta de **6,8%** em relação a outubro, mas **queda de 11,8%** na comparação com novembro de 2019.



Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat, dezembro/2020.

De janeiro a novembro, o Brasil exportou **3,76 milhões de toneladas** de carne de frango, com **US\$5,45 bilhões** em receitas. Na comparação com o mesmo período de 2019, houve **queda de 1,0%** na quantidade e de **14,1%** nas receitas. Dentre os fatores que levaram a estes resultados negativos, destacam-se a queda nos embarques para o México (-95,8% em valor e -85,4% em quantidade) e para alguns dos mais importantes compradores asiáticos, como é o caso da Arábia Saudita, Japão e Emirados Árabes Unidos.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango neste ano são China, Arábia Saudita, Japão, Emirados Árabes Unidos e Países Baixos, responsáveis por 54,8% das receitas do período.

Diferentemente dos resultados nacionais, em Santa Catarina o mês de novembro foi marcado, mais uma vez, pelas variações negativas nas exportações. O estado exportou **73,32 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), **queda de 0,4%** em relação ao mês anterior e de **10,6%** na comparação com novembro de 2019.

As receitas foram de **US\$106,45 milhões**, **queda de 2,6%** em relação ao mês anterior e de **25,1%** na comparação com novembro de 2019.

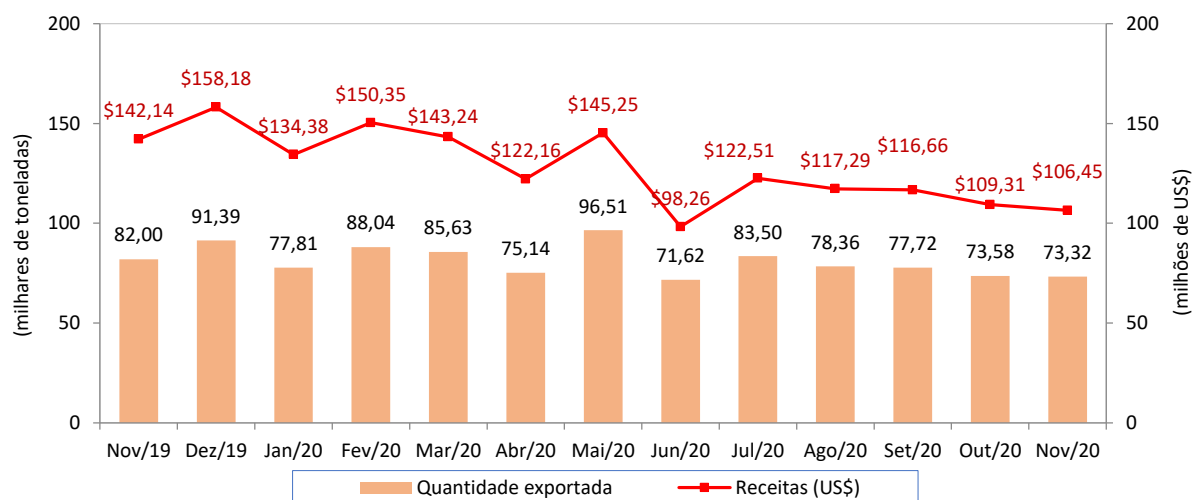


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat, dezembro/2020.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado em novembro foi de **US\$1.393/tonelada, queda de 0,7%** em relação ao mês anterior e **16,3% inferior** ao valor de novembro de 2019.

De janeiro a novembro, Santa Catarina exportou **881,23 mil toneladas** de carne de frango, com faturamento de **US\$1,37 bilhão, redução de 25,3%** em quantidade e de **33,4%** em valor na comparação com o mesmo período de 2019. O estado foi responsável por **25,1%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango este ano.

A Tabela 1 apresenta os principais destinos do frango catarinense em 2020, os quais responderam por 57,6% do valor e 52,5% da quantidade exportada pelo estado no período.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. a nov./2020

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	216.703.257,00	133.044
China	195.944.705,00	110.278
Países Baixos (Holanda)	154.747.344,00	71.769
Arábia Saudita	115.891.717,00	79.289
Emirados Árabes Unidos	103.353.107,00	68.229
Demais países	579.222.215,00	418.621
Total	1.365.862.345,00	881.230

Fonte: Comex Stat, dezembro/2020.

Dentre os dez principais destinos, somente a Holanda registrou variação positiva nas receitas, na comparação com o mesmo período de 2019: 1,8%. Os demais apresentaram quedas significativas nos embarques, com destaque para Japão (-33,7%), China (-17,7%), Arábia Saudita (-32,0%) e Emirados Árabes Unidos (-42,1%).

Segundo diversos analistas, a redução nos embarques para os países do Oriente Médio está relacionada à pandemia da Covid-19, principalmente em função da queda do preço do petróleo, a paralisação de importantes setores da economia, a queda no número de turistas que visitam a região e as severas restrições à peregrinação à Meca.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Na primeira quinzena de dezembro verificou-se a interrupção do movimento de alta nos preços do boi gordo, que vinha sendo registrado desde meados deste ano, na maioria dos principais estados produtores. Em relação ao mês anterior, seis estados analisados neste boletim apresentaram queda: -6,5% em Mato Grosso do Sul, -5,6% em São Paulo, -5,5% em Mato Grosso, -3,5% em Goiás, -2,9% em Minas Gerais e -2,6% no Paraná. Somente Santa Catarina e Rio Grande do Sul mantiveram a tendência de alta, com variações de 1,2% e 0,3%, respectivamente.

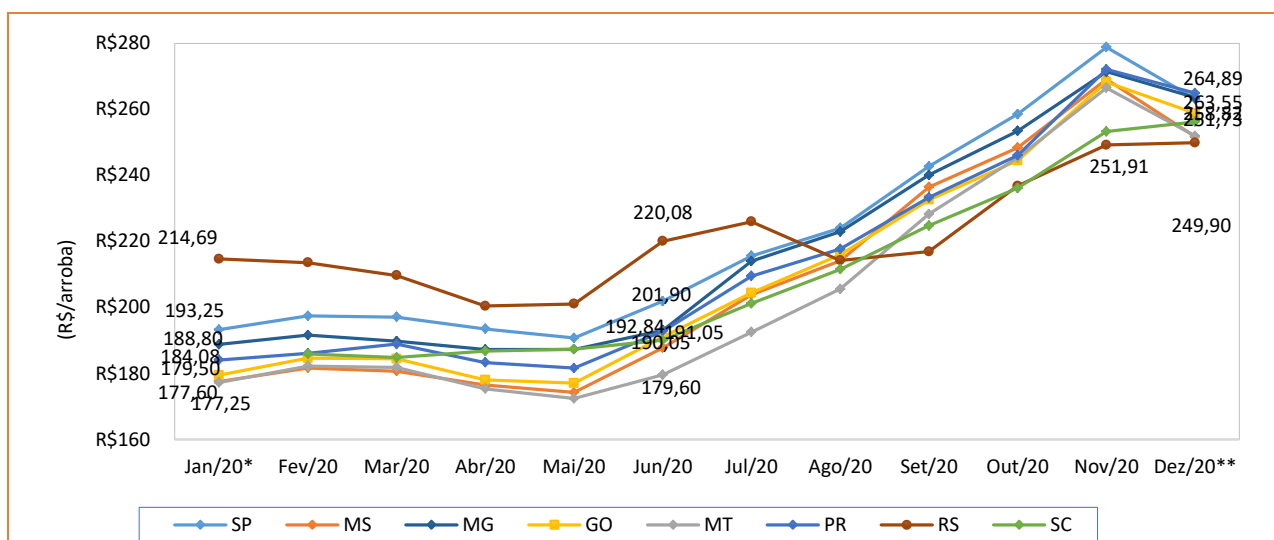


Figura 1. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)

* Preço de janeiro/2020 não disponível para o estado de Santa Catarina.

** Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/dez./2020.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾SEAB; ⁽⁴⁾Nespro, dezembro/2020.

Na comparação com os valores de dezembro de 2019, o resultado ainda é positivo em todos os estados: 35,6% no Mato Grosso, 35,2% no Mato Grosso do Sul, 34,3% no Paraná, 34,0% em Goiás, 30,3% em Minas Gerais, 27,8% em São Paulo, 27,7% em Santa Catarina e 13,4% no Rio Grande do Sul. Nos últimos 12 meses, a inflação acumulada foi de **4,3%**, segundo o IPCA/IBGE.

Esse cenário é decorrente, principalmente, da maior disponibilidade de carne no mercado interno e do consumo aquém do esperado para esse período, como veremos adiante. A queda nos preços só não é mais significativa em função da baixa oferta de animais prontos para abate, grande parte deles proveniente de confinamentos. Em função da estiagem prolongada, a perspectiva é que haja um aumento na oferta de bovinos criados a pasto somente no final do 1º trimestre de 2021.

Em Santa Catarina, foram registradas variações positivas nas duas praças de referência do boi gordo, mas bem menos expressivas que nos meses anteriores: 0,8% em Chapecó e 2,3% em Lages, na comparação entre o preço preliminar das duas primeiras semanas de dezembro e o mês anterior. Contudo, nos preços diários dessas praças percebe-se predominância de quedas, o que pode resultar em variações negativas até o final deste mês. Em relação a dezembro de 2019, as variações são positivas nos dois casos: 23,7% em Chapecó e 26,0% em Lages.

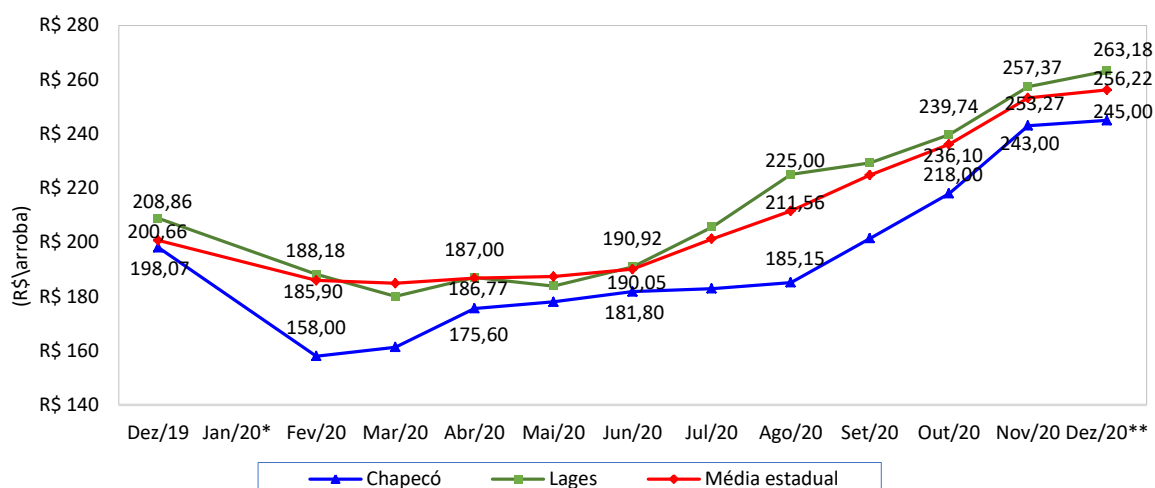


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/dez./2020.

Fonte: Epagri/Cepa, dezembro/2020.

Os preços de atacado da carne bovina, na primeira quinzena de dezembro, mantiveram a tendência de alta observada desde abril, não obstante uma desaceleração nesse movimento. Em relação ao mês anterior, registra-se variação de 0,9% para a carne bovina de dianteiro e 2,6% para a carne bovina de traseiro, com média de 1,7%. Em novembro, registrou-se variação média de 7,1%, o maior índice do ano.

Tal situação deve-se, principalmente, ao consumo aquém do esperado no mercado interno. Vale destacar que este costuma ser o período em que a demanda doméstica registra seu ápice, em função do décimo terceiro salário e das festividades de final de ano. Contudo, os elevados preços da carne bovina, a crise econômica decorrente da pandemia, a redução no valor do auxílio emergencial no último trimestre e seu eminente fim, têm reduzido a procura por essa proteína. Com isso, há um aumento no volume de carne disponível no mercado, o que pressiona os preços de varejo para baixo, impactando diretamente os preços de atacado e ao produtor. Além disso, o receio de acentuação da pandemia e eventual adoção de novas medidas restritivas tem feito com que muitos restaurantes, lanchonetes e outros estabelecimentos evitem a formação de grandes estoques. A redução nas exportações de carne bovina nas duas primeiras semanas de dezembro, como veremos adiante, também contribui para a elevação da disponibilidade interna.

Alguns analistas ainda acreditam numa relativa recuperação na segunda quinzena de dezembro. De qualquer forma, janeiro deve registrar novos recuos, em função da queda sazonal no consumo e do fim do auxílio emergencial.

Na comparação entre os valores atuais e aqueles praticados em dezembro de 2019, as altas são de 28,0% na carne de dianteiro e 13,7% na carne de traseiro, o que resulta num aumento médio de 20,9%. É importante mencionar que em dezembro de 2019 se deu o pico de preços daquele ano.

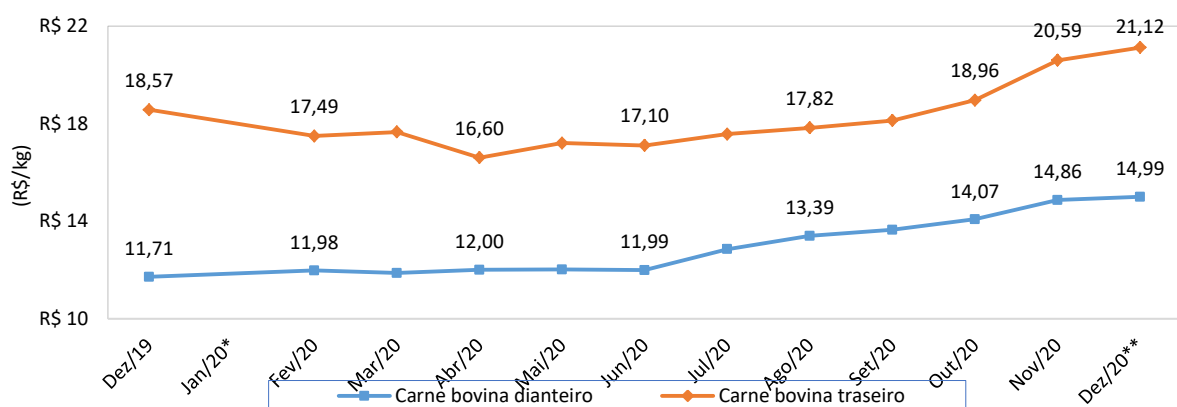


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/dez./2020.

Fonte: Epagri/Cepa, dezembro/2020.

Custos

Assim como vem sendo observado desde meados de 2019, os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina seguem apresentando tendência de alta na primeira quinzena de dezembro. Contudo, percebe-se uma desaceleração deste movimento em relação aos meses anteriores. Na comparação com novembro, os preços preliminares de dezembro apresentaram variação de 0,9% para os bezerros de até 1 ano e 1,7% para os novilhos de 1 a 2 anos. Vale mencionar que estes são os menores percentuais de variação registrados desde junho. Na comparação com dezembro de 2019, as variações são de 33,8% para os bezerros e 31,2% para os novilhos.

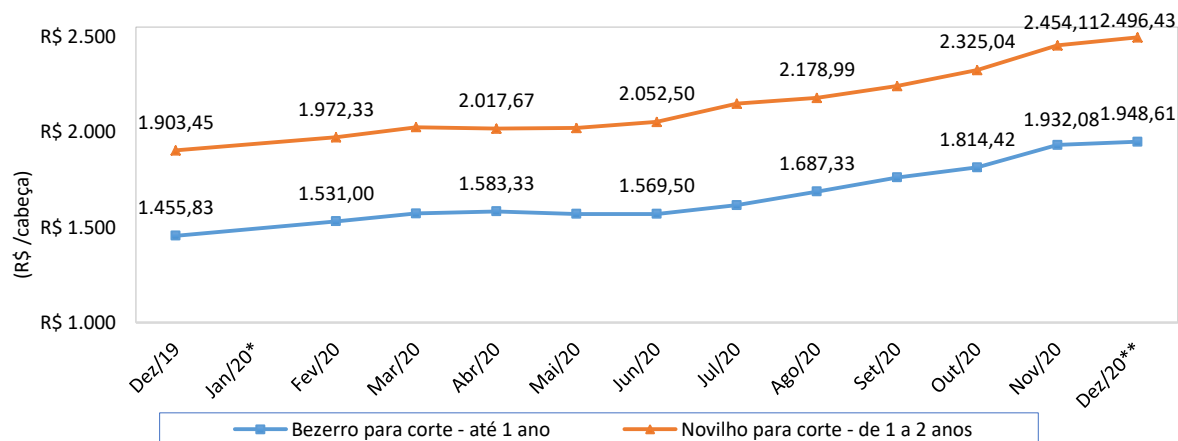


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

* Preços não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/dez./2020.

Fonte: Epagri/Cepa, dezembro/2020.

Comércio exterior

Em novembro, o Brasil exportou **197,05 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), alta de **4,3%** em relação ao mês anterior e de **9,7%** na comparação com novembro de 2019. As receitas foram de **US\$844,09 milhões**, alta de **6,9%** em relação ao mês anterior e de **0,3%** na comparação com novembro de 2019.

As exportações de novembro representam o segundo melhor resultado mensal desde o início da série histórica, tanto em receitas quanto em volume, ficando atrás apenas de outubro de 2019.

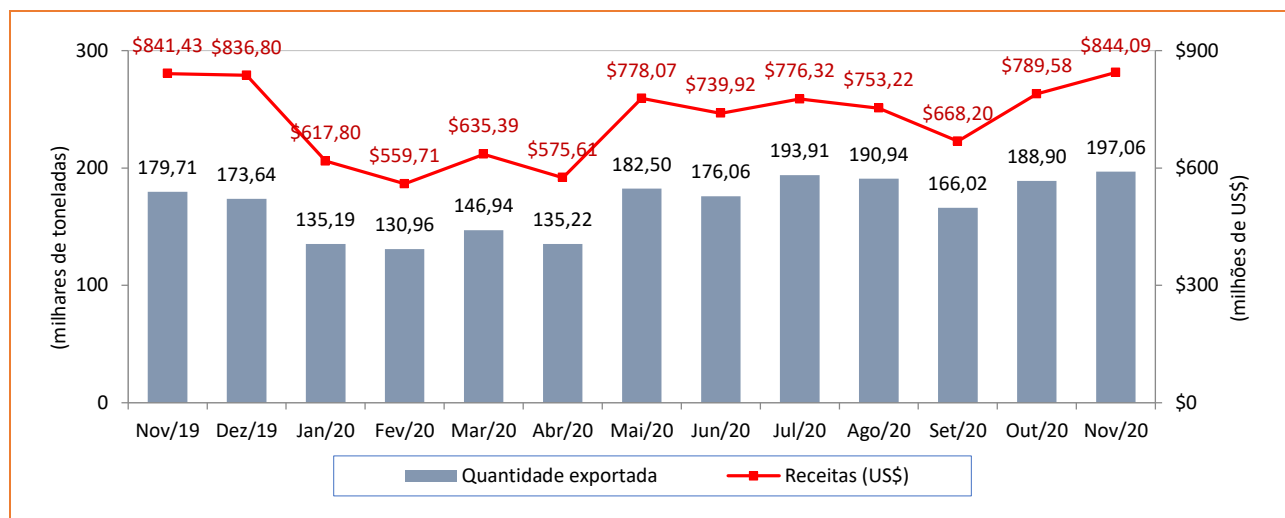


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada em outubro foi de **US\$4.403/tonelada**, alta de **3,7%** em relação ao mês anterior, mas **queda de 9,0%** na comparação com o mesmo mês de 2019.

De janeiro a novembro, o Brasil exportou **1,84 milhão de toneladas** de carne bovina, com **US\$7,74 bilhões** em receitas, altas de **9,0%** e **13,9%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2019.

China e Hong Kong responderam por 60,1% das receitas brasileiras com exportações do produto no ano. Na comparação com o mesmo período de 2019, a China ampliou em 65,8% o valor e 88,3% a quantidade de carne bovina importada do Brasil.

Vale destacar que as exportações brasileiras de carne bovina *in natura* desaceleraram na primeira semana de dezembro, conforme demonstram os dados preliminares da Secretaria de Comércio Exterior (Secex/ME). Esse resultado deve-se, em parte, à retração sazonal nas importações da China, visto que as compras para o abastecimento do ano novo chinês foram realizadas nos meses anteriores. Contudo, quando se leva em consideração o mesmo período do ano passado, também se registram variações negativas na média diária do corrente mês: -19,5% em valor e -8,2% em quantidade.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **218 toneladas** de carne bovina em novembro, com faturamento de **US\$695 mil**, quedas de 20,1% e de 16,3%, respectivamente, em relação a novembro de 2019.

De janeiro a novembro, o estado exportou **2,85 mil toneladas** de carne bovina, com **US\$8,80 milhões** em receitas, quedas de 19,7% e 14,4%, respectivamente, na comparação com o mesmo período de 2019. Hong Kong é o principal destino, respondendo por 52,5% das receitas.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Diferentemente do que vinha sendo observado nos sete meses anteriores, na primeira quinzena de dezembro os preços dos suínos vivos apresentaram queda em todos os principais estados produtores, com índices significativos na maioria dos casos (Figura 1).

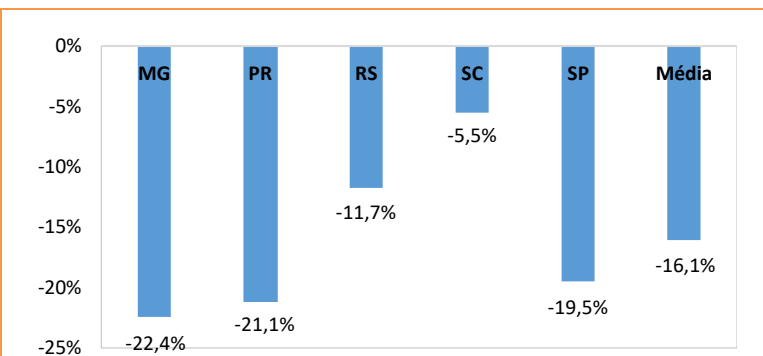


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (novembro/dezembro de 2020*)

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/dez./2020.

Esse cenário é resultante, principalmente, da estagnação do mercado interno, como veremos adiante.

Apesar do resultado preliminar deste mês, na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em dezembro de 2019, ainda se observam variações positivas expressivas em todos os estados analisados: 46,6% em Santa Catarina, 40,9% no Rio Grande do Sul, 23,3% em

São Paulo, 21,9% no Paraná e 15,3% em Minas Gerais. De acordo com o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de **4,3%**.

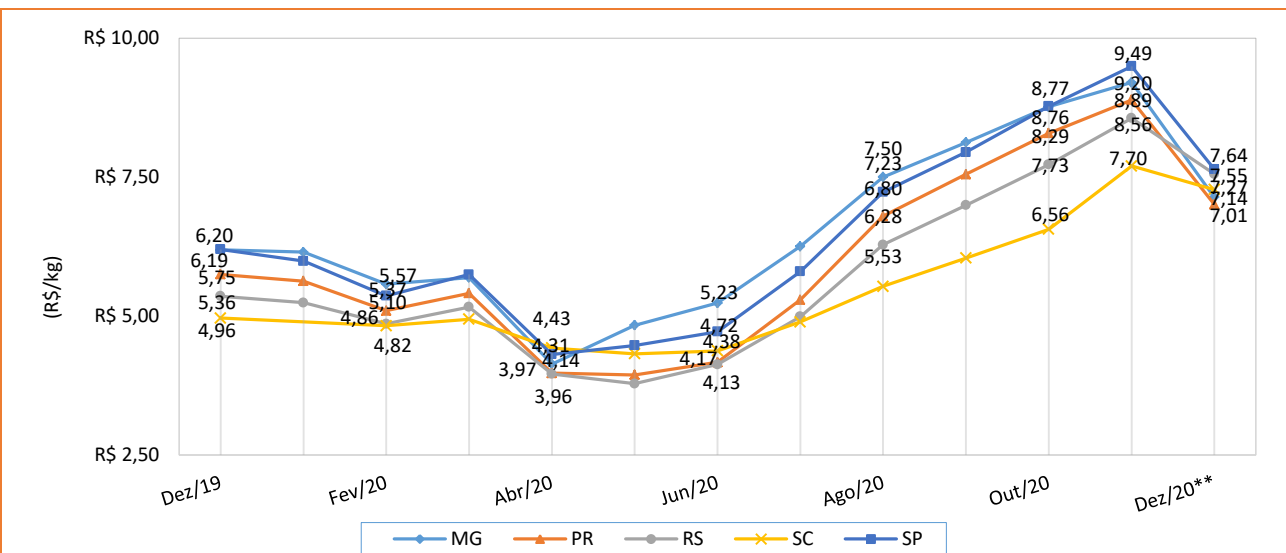


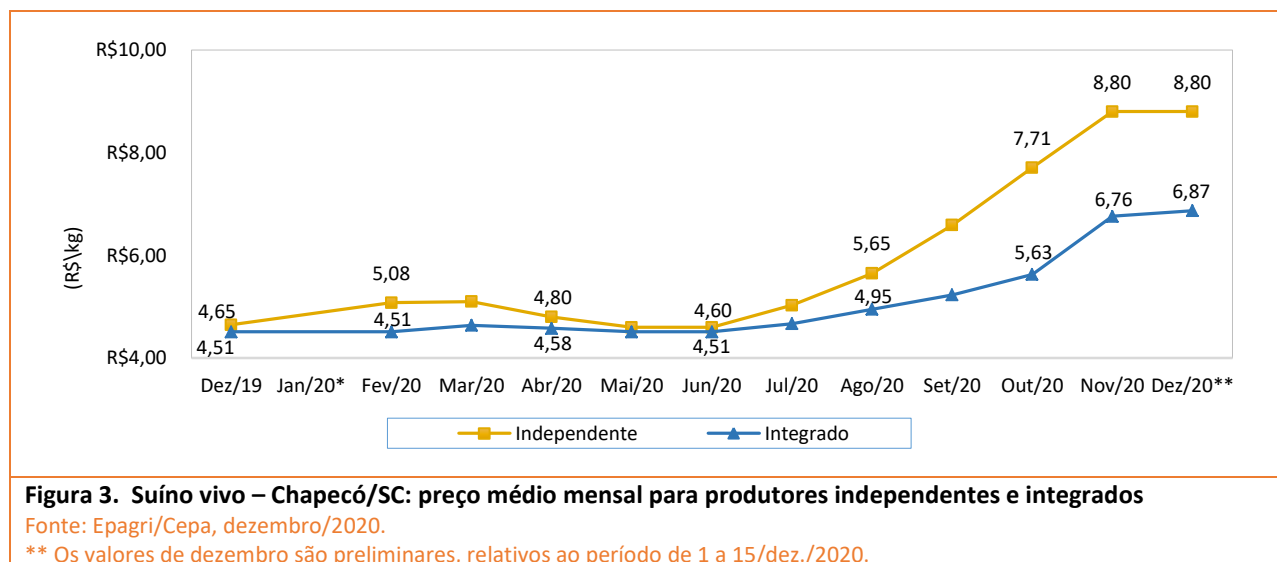
Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/dez./2020.

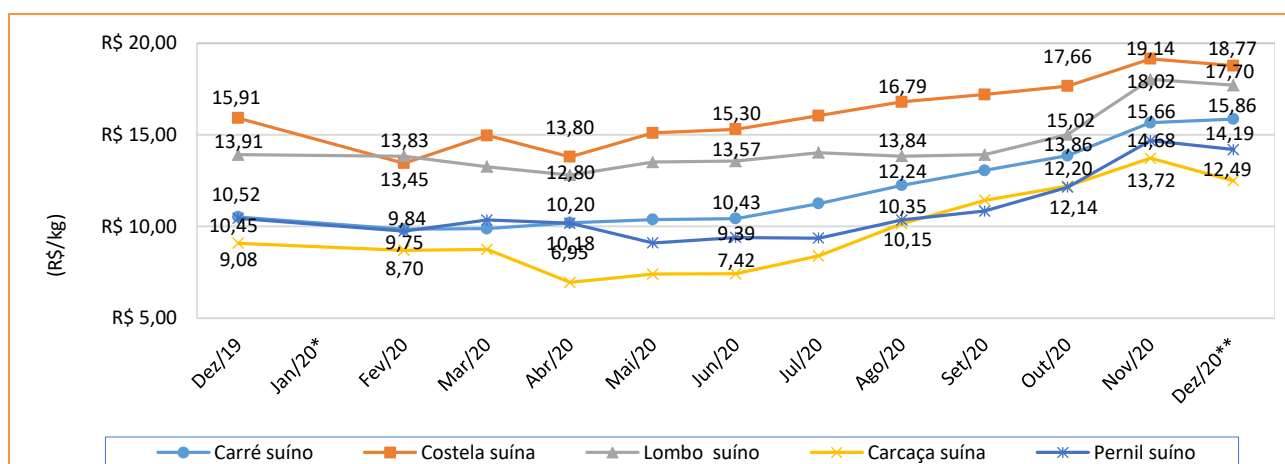
Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC), dezembro/2020.

Em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo em Santa Catarina, percebe-se uma forte desaceleração da tendência de alta observada nos meses anteriores. No caso dos integrados, o preço preliminar de dezembro registra alta de 1,6% em relação ao mês anterior, enquanto o preço pago aos produtores independentes manteve-se inalterado. Já na comparação com dezembro de 2019, as altas ainda são bastante expressivas em ambos os casos: 89,2% para os produtores independentes e 52,3% para os integrados.



Na primeira quinzena de dezembro, os preços de atacado da maioria dos cortes de carne suína, acompanhados pela Epagri/Cepa, registraram quedas na comparação com o mês anterior: carcaça (-9,0%) pernil (-3,3%), costela (-2,0%) e lombo (-1,7%). Somente o carré apresentou alta (1,3%). A variação média dos cinco cortes foi de -3,0%. Essa é a primeira vez, desde abril, que se registra predominância de variações negativas neste setor.

Na comparação entre os valores preliminares de dezembro e os preços praticados no mesmo mês de 2019, as variações ainda são positivas em todos os cortes: carré (50,8%), carcaça (37,5%), pernil (35,8%), lombo (27,3%) e costela (17,9%). Na média, a alta foi de 33,9%.



As quedas apresentadas na Figura 4 são decorrentes, dentre outros fatores, dos elevados patamares de preço atingidos pela carne suína ao longo de 2020, do consumo aquém do esperado para esse período do ano e do recuo registrado nos valores das proteínas concorrentes (bovinos e frangos). A redução no valor e eminente fim do auxílio emergencial também podem ter afetado a decisão dos consumidores de adquirir esse produto.

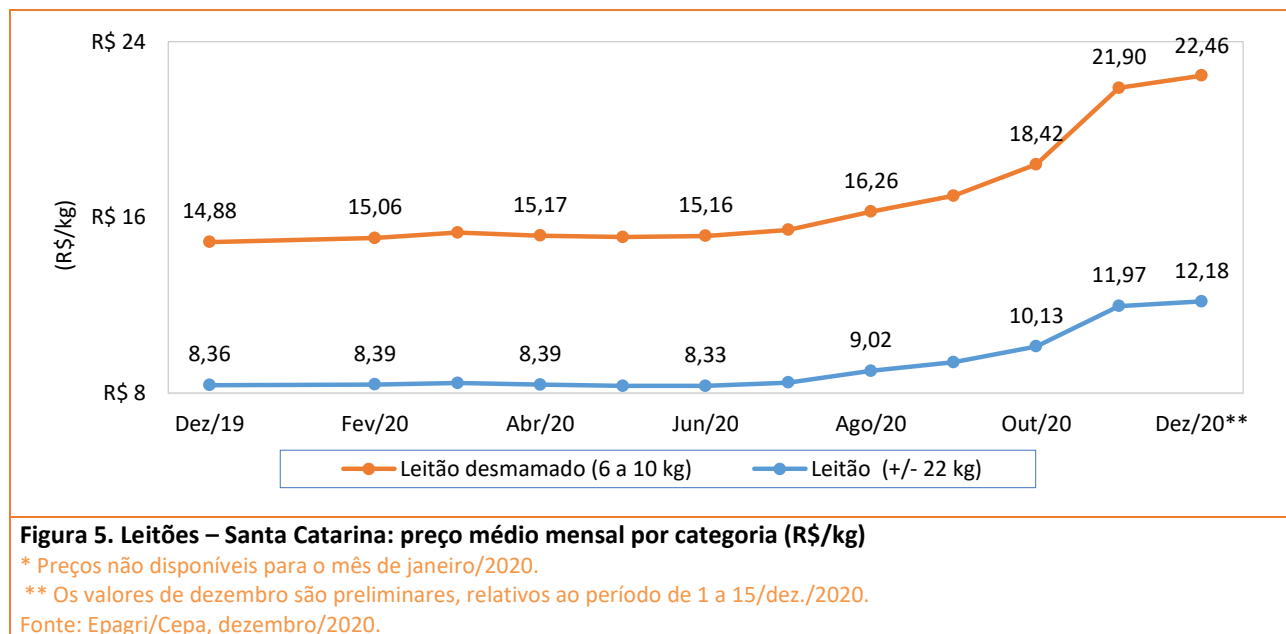
Outro fator apontado como contribuinte para esse cenário é o temor de restaurantes, bares e outros estabelecimentos para formar estoques, num momento em que a pandemia avança em diversas regiões do país, podendo resultar na adoção de medidas de restrição mais rigorosas.

Custos

O movimento de queda nos preços dos animais vivos preocupa os produtores, principalmente levando em consideração os custos de produção que, não obstante algumas sinalizações de queda na primeira quinzena deste mês, seguem num patamar bastante elevado.

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, o Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuínos) de novembro registrou alta de 9,7% em relação ao mês anterior. No ano, a variação foi de 50,4%, puxada pela elevação dos custos com nutrição (45,2%).

Os leitões mantêm a tendência de alta observada desde meados deste ano, mas percebe-se uma desaceleração neste movimento. Na primeira quinzena de dezembro, os preços médios preliminares registraram variações positivas de 2,5% para os leitões de 6 a 10kg e de 1,8% para os leitões de aproximadamente 22kg. Vale destacar que, em novembro, esses índices foram de 18,9% e 18,1%, respectivamente. Na comparação com as médias de dezembro de 2019, as altas são de 50,9% para os leitões de 6 a 10kg e 45,6%, os leitões de aproximadamente 22kg.



Depois de atingir o maior patamar do ano em novembro, na primeira quinzena de dezembro a relação de equivalência insumo-produto registrou queda 7,4% em relação ao mês anterior. Essa variação deve-se, principalmente, à queda de 6,7% no preço de atacado do milho em Chapecó, além do aumento de 0,7% no preço médio do suíno naquela praça. Apesar do resultado preliminar deste mês, o valor atual está 7,8% acima daquele registrado em dezembro de 2019.

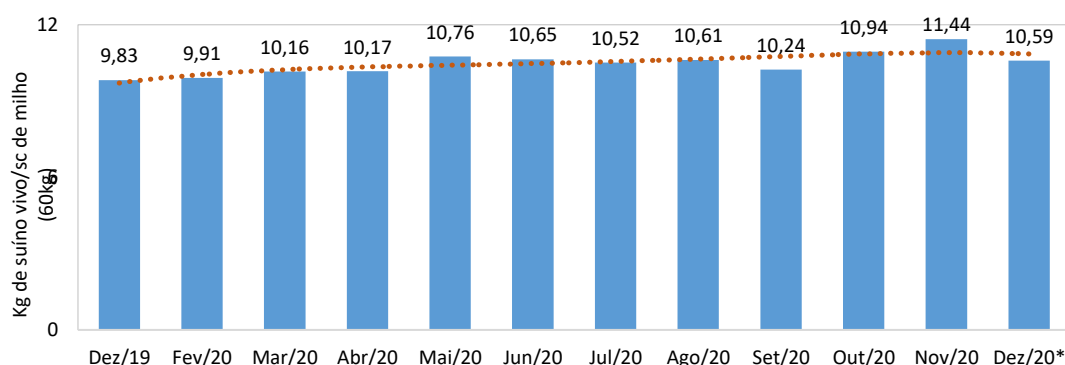


Figura 6. Suíno vivo - Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

* O valor de dezembro é preliminar, relativo ao período de 1 a 15/dez./2020.

Fonte: Epagri/Cepa, dezembro/2020

Conforme sinaliza a relação de equivalência, os custos de nutrição recuaram nas primeiras semanas de dezembro, graças à redução nos preços do farelo de soja e do milho nesse período. No entanto, permanece a preocupação em relação ao primeiro semestre de 2021, com uma possível dificuldade de abastecimento de milho em função da estiagem prolongada e do atraso no plantio da soja (que deve impactar no plantio do milho safrinha).

Comércio exterior

Em novembro, o Brasil exportou **86,27 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), **queda de 1,3%** em relação ao mês anterior e alta de **31,6%** na comparação com novembro de 2019. As receitas foram de **US\$201,54 milhões**, alta de **1,6%** em relação ao mês anterior e de **35,8%** na comparação com novembro de 2019.

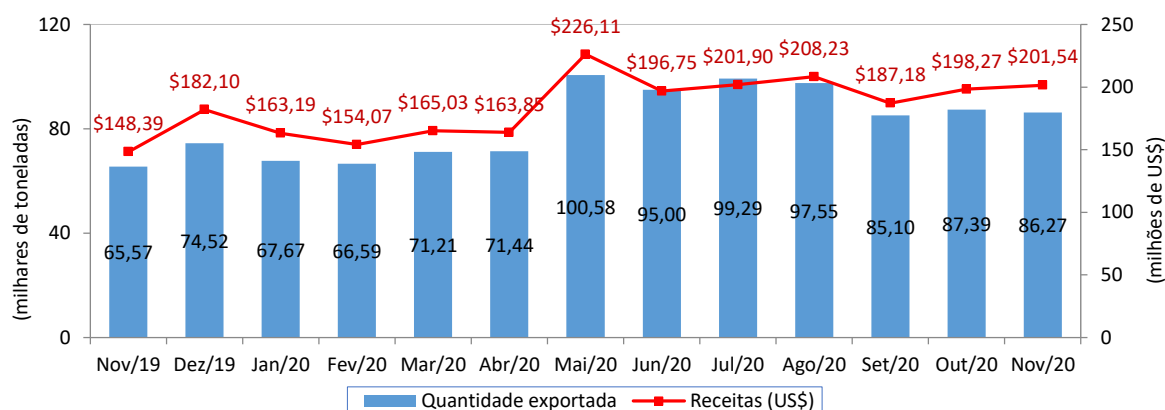


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat, dezembro/2020.

De janeiro a novembro, o país exportou **928,09 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$2,07 bilhões**, altas de **38,3%** e **46,7%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2019.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne suína em 2020 são China, Hong Kong, Cingapura, Chile e Uruguai, responsáveis por 83,8% das receitas no período. China e Hong Kong somam 69,5% do total.

Santa Catarina exportou **43,87 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em novembro, queda de **5,5%** em relação ao mês anterior, mas alta de **20,9%** na comparação com novembro de 2019. As receitas foram de **US\$104,87 milhões**, **-2,8%** em relação ao mês anterior, mas alta de **29,6%** na comparação com novembro de 2019.

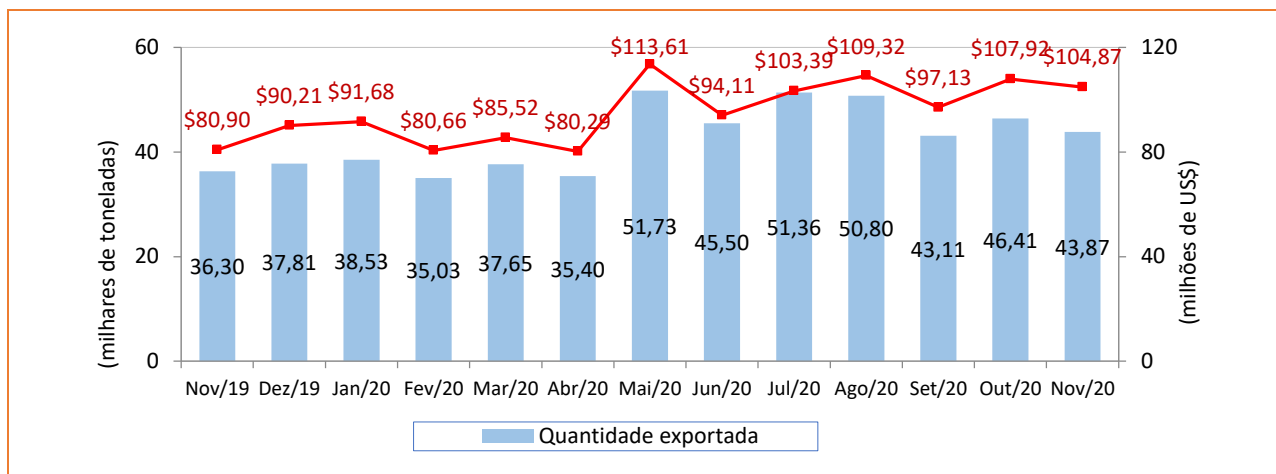


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat, dezembro/2020.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em novembro foi de **US\$2.489/tonelada**, alta de **3,1%** em relação ao mês anterior e de **8,0%** na comparação com novembro de 2019.

De janeiro a novembro, o estado exportou **479,39 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$1,07 bilhão**, altas de **26,6%** e **37,5%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2019. Santa Catarina responde por **51,7%** das receitas e do volume de carne suína exportada pelo Brasil este ano.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 85,2% das receitas. China e Hong Kong responderam por 71,1%.

Tabela 1: Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – jan. a nov./2020

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	670.411.208,00	288.645
Chile	88.435.977,00	38.625
Hong Kong	86.569.876,00	47.548
Japão	39.876.567,00	10.493
Estados Unidos	25.373.259,00	7.241
Demais países	157.832.567,00	86.840
Total	1.068.499.454,00	479.392

Fonte: Comex Stat, dezembro/2020.

Dentre os dez principais destinos da carne suína catarinense, seis apresentaram variações positivas nas receitas acumuladas neste ano em relação ao mesmo período de 2019, com destaque para China (83,8%), Japão (121,1%), Estados Unidos (59,0%) e Vietnã (75,8%). Dentre as variações negativas, destacam-se Argentina (-25,1%) e Uruguai (-10,4%).

Apesar do resultado negativo no acumulado no ano, as exportações catarinenses para a Argentina têm apresentado bons resultados nos últimos três meses, o que parece indicar uma recuperação desse importante mercado.

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção de leite

No dia 12/11⁹, o IBGE divulgou os primeiros resultados da Pesquisa Trimestral do Leite (PTL/IBGE). Na oportunidade, os dados mostravam que até o mês de setembro a quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas tinha sido 0,7% superior à do mesmo período de 2019. Neste mês de dezembro, o IBGE divulgou a mesma pesquisa, com dados das unidades da federação e sensível alteração nos dados mensais e no total de âmbito nacional. Com isso, na comparação de janeiro a setembro de 2020 com o mesmo período de 2019, o percentual de crescimento na quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas passou para 1,9% (Tabela 1). Embora bem melhor do que o divulgado em novembro, esse crescimento de 1,9% ainda fica muito longe dos alcançados entre os anos de 2000 e 2014, quando frequentemente houve aumentos entre 5% e 10% e, circunstancialmente, até superiores a 10%.

Tabela 1. Leite cru – Brasil: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas – jan./2016 a set./2020

Mês	Bilhão de litros					Var. %
	2016	2017	2018	2019	2020	2019-20
Janeiro	2,072	2,101	2,161	2,207	2,260	2,4
Fevereiro	1,892	1,833	1,890	1,933	2,054	6,3
Março	1,898	1,928	1,968	2,055	2,097	2,0
Abril	1,749	1,812	1,873	1,911	1,954	2,3
Mai	1,742	1,907	1,734	1,975	1,940	-1,8
Junho	1,728	1,929	1,872	1,974	1,932	-2,1
Julho	1,897	2,058	2,036	2,075	2,119	2,1
Agosto	1,989	2,118	2,120	2,128	2,176	2,3
Setembro	1,963	2,103	2,100	2,081	2,152	3,4
Até setembro	16,930	17,789	17,754	18,339	18,685	1,9
Outubro	2,048	2,141	2,222	2,203		
Novembro	2,052	2,154	2,210	2,186		
Dezembro	2,140	2,250	2,271	2,283		
Total anual	23,170	24,334	24,457	25,011		

2020 - Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite, dezembro/2020.

Entre os principais estados produtores, que representam cerca de 84% da quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas do Brasil, as variações são bastante heterogêneas. Na comparação de janeiro a setembro de 2020 com o mesmo período de 2019, por exemplo, Santa Catarina teve aumento de captação de leite de 6,0%, muito acima do aumento do Brasil (1,9%), de Goiás (-4,4%), do Rio Grande do Sul (-2,8%) e de São Paulo (0,4%). Com isso, o estado respondeu por 11,4% da quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas do Brasil, superando o estado de São Paulo. No mesmo período de 2019, a participação catarinense foi de 10,9% (Tabela 2)¹⁰.

⁹ Cerca de um mês após divulgar estes primeiros resultados, o IBGE divulgou essa mesma pesquisa com dados das unidades da federação. Não é incomum que nesta oportunidade os dados de âmbito nacional sofram alterações.

¹⁰ Não é adequado estabelecer relação direta entre o comportamento da quantidade de leite adquirida pelas indústrias e o da produção total dos estados. Isto porque a PTL/IBGE levanta o estado em que está localizada a indústria de destino do leite, sem determinar a sua origem. Isso significa dizer, por exemplo, que esse decréscimo de captação de leite no RS em 2020 pode ter decorrido simplesmente do aumento da saída de leite cru resfriado para industrialização em outros estados.

Tabela 2. Leite cru – Brasil: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas – 2018 a set./2020

UF	Anual (milhões de l)		Var. %	Até setembro (milhões de l)			Var. %
	2018	2019	2018-19	2018	2019	2020	2019-20
MG	6.072	6.285	3,5	4.401	4.588	4.778	4,1
PR	3.092	3.308	7,0	2.249	2.443	2.543	4,1
RS	3.389	3.255	-4,0	2.489	2.424	2.355	-2,8
SC	2.723	2.761	1,4	1.963	2.005	2.126	6,0
SP	2.728	2.786	2,1	2.005	2.027	2.036	0,4
GO	2.526	2.636	4,4	1.803	1.926	1.841	-4,4
Outras	3.927	3.980	1,3	2.844	2.926	3.006	2,7
Brasil	24.457	25.011	2,3	17.754	18.339	18.685	1,9

2020 - Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite, dezembro/2020.

Preços

Em novembro, o Conleite/SC fez uma reunião ordinária (dia 23) e uma extraordinária (dia 30). Na primeira reunião, foi definido apenas o preço de referência final de outubro (R\$1,7075/l), que ficou 0,0919 centavos abaixo do valor de setembro. Na reunião do dia 30, foi projetado o preço de novembro (R\$1,6587/l), com queda de 0,0488 centavos em relação ao preço final de outubro (Tabela 3).

Tabela 3. Leite padrão – Santa Catarina: preços de referência do Conleite – jan./2018 a nov./2020

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso			Variação (%)	
	2018	2019	2020	2018-19	2019-20
Janeiro	0,9695	1,1659	1,2273	20,3	5,3
Fevereiro	1,0128	1,2309	1,2342	21,5	0,3
Março	1,0857	1,1957	1,2974	10,1	8,5
Abril	1,1295	1,2185	1,3192	7,9	8,3
Maio	1,1522	1,2535	1,3091	8,8	4,4
Junho	1,3454	1,2036	1,5176	-10,5	26,1
Julho	1,4050	1,1560	1,5588	-17,7	34,8
Agosto	1,2997	1,1918	1,7288	-8,3	45,1
Setembro	1,2582	1,1767	1,7994	-6,5	52,9
Outubro	1,2351	1,1516	1,7075	-6,8	48,3
Novembro	1,1358	1,1779	1,6587	3,7	40,8
Dezembro	1,1228	1,2227		8,9	
Média anual	1,1793	1,1954		1,4	

Novembro/2020: Valor projetado.

Fonte: Conleite/SC, novembro/2020.

Isso significa que houve decréscimo nos preços médios de atacado da “cesta de lácteos” que forma o preço de referência do Conleite/SC, de setembro para outubro e de outubro para novembro. Houve movimento de elevação de preços de alguns lácteos a partir de meados do mês novembro (razão da reunião extraordinária do Conleite/SC, mas não com a intensidade e a duração esperadas na reunião do dia 23/11. Assim, na resolução da reunião de dezembro (dia 18) é improvável que o preço final de novembro fique muito diferente do projetado (R\$1,6587/l). É provável também que o preço projetado de dezembro varie pouco em relação ao preço final de novembro.

Os levantamentos da Epaagri/Cepa sobre os preços recebidos pelos produtores de leite no mês de dezembro ainda estão em andamento em algumas regiões, mas as tabulações preliminares indicam que o preço médio estadual ficará levemente acima do preço médio de novembro (Tabela 4).

Tabela 4. Leite – Santa Catarina: preço médio ⁽¹⁾ aos produtores – 2018-20

Mês	R\$/l posto na propriedade			Variação (%)	
	2018	2019	2020	2018-19	2019-20
Janeiro	0,94	1,09	1,22	16,0	11,9
Fevereiro	0,94	1,17	1,26	24,5	7,7
Março	0,96	1,25	1,29	30,2	3,2
Abril	1,01	1,27	1,28	25,7	0,8
Maio	1,09	1,32	1,19	21,1	-9,8
Junho	1,14	1,32	1,31	15,8	-0,8
Julho	1,30	1,23	1,50	-5,4	22,0
Agosto	1,35	1,19	1,66	-11,9	39,5
Setembro	1,31	1,21	1,87	-7,6	54,5
Outubro	1,28	1,21	1,95	-5,5	61,2
Novembro	1,24	1,19	1,92	-4,0	61,3
Dezembro	1,11	1,18	1,95 ⁽²⁾	6,3	65,3
Média anual	1,14	1,22	1,53	7,0	25,8

⁽¹⁾ Preço médio mais comum, das principais regiões produtoras, no período de pagamento.

⁽²⁾ Média provisória.

Fonte: Epagri/Cepa, dezembro/2020.

Balança comercial

A exemplo de setembro e outubro, a quantidade de lácteos importada pelo Brasil em novembro atingiu patamar que, nos últimos anos, só foi visto em alguns meses de 2016. Em novembro, ocorreu o maior déficit comercial na balança de lácteos dos últimos anos (Tabela 5).

Tabela 5. Balança comercial brasileira de lácteos – jan./2018 a nov./2020

Mês	Toneladas								
	Importações			Exportações			Saldo		
	2018	2019	2020	2018	2019	2020	2018	2019	2020
Janeiro	8.366	13.649	10.583	2.068	1.614	2.859	-6.298	-12.035	-7.724
Fevereiro	10.332	16.046	8.804	2.263	2.329	1.786	-8.069	-13.717	-7.018
Março	9.029	10.689	9.384	2.228	2.897	2.543	-6.801	-7.792	-6.841
Abril	11.965	10.864	5.997	1.343	1.661	1.812	-10.622	-9.203	-4.185
Maio	13.418	13.729	7.523	712	1.947	2.346	-12.706	-11.782	-5.177
Junho	11.077	10.954	8.421	1.042	1.612	2.156	-10.035	-9.342	-6.265
Julho	13.848	9.949	12.585	1.127	1.799	2.658	-12.721	-8.150	-9.927
Agosto	13.266	9.858	17.987	2.018	1.893	2.719	-11.248	-7.965	-15.268
Setembro	11.863	12.759	22.828	2.653	2.035	2.427	-9.210	-10.724	-20.401
Outubro	18.471	9.777	22.131	1.919	1.959	2.678	-16.552	-7.818	-19.453
Novembro	17.919	10.826	22.948	2.207	2.074	2.517	-15.712	-8.752	-20.431
Dezembro	10.285	10.235		2.664	1.963		-7.621	-8.272	
Total	149.839	139.335		22.244	23.783		-127.595	-115.552	

Fonte: ComexStat, dezembro/2020.